

Cristina Inoue

O Seminário de Santana: o cotidiano da vida e da escola
(1825-1831)

São Paulo
2006

Cristina Inoue

O Seminário de Santana: o cotidiano da vida e da escola
(1825-1831)

Trabalho Complementar de Curso (TCC) de Graduação em Pedagogia apresentado junto ao Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para colação de grau do curso de Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Diana Gonçalves Vidal

São Paulo

2006

37 (81.61) Inoue, Cristina

I 58 s O Seminário de Santana: o cotidiano da vida e da escola (1825-1831)/
Cristina Inoue; orientadora: Diana Gonçalves Vidal. São Paulo, SP: s.n.,
2006. 112 p. : il.

Trabalho Complementar de Curso - Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo.

1. História da Educação 2. Seminário dos Educandos 3. Vida
cotidiana 4. Província da São Paulo 5. Ensino Mútuo 6. Primeiras Letras
I. Vidal, Diana Gonçalves, orient.

Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação da FEUSP

AUTORA: Cristina Inoue

TÍTULO: O Seminário de Santana: o cotidiano da vida e da escola (1825-1831)

LOCAL: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) – São Paulo/SP

DATA: _____

RESULTADO: _____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Diana Gonçalves Vidal (Orientadora)

Assinatura: _____

Profa. Dra. Carlota Boto

Assinatura: _____

Profa. Dra. Maria Lucia Hilsdorf

Assinatura: _____

Para Leandro
Para minha família

Sumário

Agradecimentos	7
Resumo	9
Lista de Tabelas	10
Imagem	11
Introdução	12
Capítulo 1 . A criação e o funcionamento	16
Capítulo 2. A vida material no Seminário	37
2.1. Almoço, jantar e ceia	38
2.2. A mesa, as roupas e as noites	55
Capítulo 3. O professor, os alunos e o ensino mútuo	63
3.1. Compreendendo o ensino mútuo	64
3.2. O ensino mútuo, os meninos, o professor e o regente	68
Considerações Finais	80
Referências Bibliográficas e Fontes	84
Anexo	90

Agradecimentos

À Professora Doutora Diana Gonçalves Vidal por ter aceitado a tarefa de me orientar, por ter me incentivado à pesquisa, pelas leituras cuidadosas que fez, pela indicação bibliográfica e pelos livros que me emprestou.

Às Professoras Carlota Boto e Maria Lucia Hilsdorf por terem aceitado o convite para participar da banca examinadora de defesa do TCC.

À FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) por ter concedido bolsa de iniciação científica por mais de dois anos e por ter incentivado à pesquisa.

Aos funcionários do Arquivo do Estado de São Paulo (AESP), da Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) e da Biblioteca da FEUSP pelo atencioso atendimento.

A todos os membros do grupo NIEPHE (Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História da Educação) da qual participo desde 2003, pelas preciosas discussões teóricas que vem contribuindo para o meu amadurecimento intelectual e também pelas sugestões que fizeram a este trabalho.

Ao pessoal do Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, no qual trabalhei como bolsista de Iniciação Científica, de 2003 a 2005, momento de grande aprendizagem como pesquisadora. Agradeço a Iomar Barboza Zaia, Maria Cristina Moreira, João Daniel Gomes, Karina Akemi Uehara, Tércia Beatriz de Assis Silveira, Luciana, Flávia.

As minhas amigas da FEUSP, Ananda, Érica, Fabiana, Helena, Joslaine, Marisa, Michelle, Rebeca, Renata, Talita pelo apoio e interesse em relação ao rumo do trabalho.

Aos meus pais que, mesmo longe, deram suporte às minhas escolhas e incentivaram a realização deste trabalho. À minha irmã Juliana pelas leituras, comentário e sugestões. Para minha “irmãzinha” Laryssa , agradeço por ter ajudado a rever a transcrição dos documentos na última hora.E ao Leandro, pela paciência em me ouvir, pela leitura atenta deste trabalho, pelas sugestões bibliográficas, pelos livros emprestados e pelo carinho que tem por mim.

Resumo

O Seminário de Santana foi criado em 8 de abril de 1825 e extinto em 1868 pelo Presidente da Província de São Paulo Joaquim Saldanha Marinho. O Seminário ficou instalado a uma légua de distância do perímetro urbano da cidade, estabelecendo-se na antiga sede dos jesuítas. Acolheu meninos pobres, órfãos e pensionistas. Era freqüentado também pelo Diretor, Regente, Capelão, Professor de Primeiras Letras e Escravos. Nosso objetivo neste trabalho é investigar o cotidiano dos primeiros anos da instituição, da sua criação até o ano de 1831, quando o Professor de Primeiras Letras João Francisco dos Santos retirou-se do Seminário para lecionar na escola da Freguesia de Santa Ifigênia. No primeiro capítulo, apresentamos a criação e o funcionamento da instituição, destacando os recursos com os quais se matinha, analisando o comportamento dos agentes institucionais e narrando as dificuldades pelas quais o Seminário passou. Para compreender melhor o cotidiano dos meninos, no segundo capítulo investigamos os tipos de alimentos consumidos no almoço, jantar e ceia, os utensílios domésticos comprados, as roupas que usavam, e, por último, discorremos sobre as noites no Seminário. Dedicamos o terceiro capítulo a abordar o cotidiano escolar da Casa. Nessa parte, discorremos sobre como o ensino mútuo aparece no Seminário, ressaltando características do Monitor escolhido para auxiliar o Professor João Francisco dos Santos. Relatamos o ensino da leitura, escrita e aritmética. Destacamos os materiais utilizado pelo Professor e os alunos que conseguimos localizar. Por fim, abordamos a saída do Professor João Francisco dos Santos.

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Consumo de feijão e farinha (Outubro de 1827 a Dezembro de 1829).....	40
Tabela 2 – Consumo de carne de porco e lombo (Outubro de 1827 a Dezembro de 1829)	42
Tabela 3 – Consumo de biscoitos (Outubro de 1827 a Dezembro de 1829).....	43
Tabela 4 – Consumo de Peixes, Bacalhau e Entrecosto (Outubro de 1827 a Dezembro de 1829)	45
Tabela 5 – Consumo de carne de vaca e toucinho (Outubro de 1827 a Dezembro de 1829)	47
Tabela 6 – Compra de banha e sal (Outubro de 1827 a Dezembro de 1829).....	49
Tabela 7 – Consumo de arroz pilado (Outubro de 1827 a Dezembro de 1829).....	50
Tabela 8 – Consumo de milho (Outubro de 1827 a Dezembro de 1829).....	51
Tabela 9 – Uso de mantimentos (Outubro de 1827 a Dezembro de 1829).....	52
Tabela 10 – Consumo de açúcar (Outubro de 1827 a Dezembro de 1829).....	55
Tabela 11 – Quantidade de calçado comprado (Outubro de 1827 a Dezembro de 1829)	59
Tabela 12 – Formas de iluminação (Outubro de 1827 a Dezembro de 1829)	61

Imagem

Fachada do antigo solar, sede da Fazenda de Santana. Imagem retirada do livro *O bairro de Santana* de Maria Celestina Teixeira Mendes Torres (São Paulo, Oficinas de Artes Gráficas Bisordi S. A., 1970, p. 19).....18

Introdução

A escolha pelo tema *Seminário de Santana* certamente recebeu influência do trabalho que desenvolvemos como bolsista de Iniciação Científica no Centro de Memória da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (CME-FEUSP) entre abril de 2003 a dezembro de 2005, com apoio da FAPESP e sob orientação da Prof^a Dr^a Diana Gonçalves Vidal. O trabalho consistiu na organização do *Arquivo Pessoal do Professor Laerte Ramos de Carvalho*, primeiro diretor da FEUSP. Uma das atividades propostas foi a conservação dos documentos, baseando-se em técnicas arquivísticas desenvolvidas pelo CME/FEUSP. Dessa forma, higienizamos toda a documentação e acondicionamos cada documento em pastas de papel neutro, confeccionadas por nós. Vale ressaltar que essa parte do projeto foi auxiliada pelos alunos do CEFAM - Santo André (Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério), Kelly Aparecida de Oliveira, Danilo Silva, Marcos Barbosa, Bruna V. Romero e Vânia Silva, que participaram do sub-projeto *Lugares da Memória*, uma parceria entre os alunos do CEFAM – Santo André e o CME-FEUSP, coordenado pela Prof.^a Diana Gonçalves Vidal e Iomar Barboza Zaia. Em seguida, realizamos a descrição analítica de grande parte da massa documental e sintetizamos cada informação do documento em fichas.

O trabalho no *Arquivo Pessoal Laerte Ramos de Carvalho* foi importante pois permitiu que obtivéssemos uma familiarização com documentos históricos e síntese de informações do documento em fichas de pesquisa e, paralelamente, permitiu que participássemos de discussões teóricas promovidas pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História da Educação (NIEPHE).

No decorrer deste projeto, a Professora Diana Gonçalves Vidal nos propôs o estudo do *Seminário de Santana*, instituição escolar que se configurou e funcionou no século XIX na Província de São Paulo. Por se tratar de uma análise de uma instituição que também desempenhou a função de escola, tal objeto nos interessou muito.

O Seminário de Santana foi criado em 8 de abril de 1825 e que funcionou até 1868, acolhendo meninos órfãos, pobres e pensionistas. Estabeleceu-se na Fazenda de Santana, antiga sede dos jesuítas e possuía Diretor, Regente, Mestre de Primeiras Letras e Escravos. A instituição se mantinha com a quantia de 50\$000 réis mensais providos pelo cofre provincial.

É importante ressaltar que para chegarmos a este tema, recorreremos ao trabalho pioneiro de Maria Lúcia Hilsdorf, intitulado *Os Seminários de Educandos de São Paulo*, que trata com profundidade o cotidiano dos primeiros anos de funcionamento dos Seminários de Educação, tanto em São Paulo como em Itu. Além disso, ele forneceu a indicação da localização das fontes primárias na série *Ofícios Diversos da Capital* imprescindíveis à compreensão deste objeto de estudo, servindo também de modelo para a construção da escrita deste trabalho.

O objeto específico deste trabalho é, então, percorrer os primeiros anos de funcionamento da instituição, de 1825 a 1831, de modo a complementar as informações da investigação realizada por Hilsdorf. Os marcos cronológicos referem-se à data de criação do Seminário (8 de abril de 1825) e à saída do Professor João Francisco dos Santos, responsável pelo ensino de primeiras letras na instituição. Para compreendermos o objeto de estudo, localizamos novas fontes primárias que se encontram na série *Ofícios Diversos da Capital* pertencente ao Arquivo do Estado de São Paulo (AESP).

Como os manuscritos não podem ser retirados do AESP, realizamos a transcrição de cada documento à mão e, posteriormente, passamos cada conteúdo do

documento para o computador e os organizamos em ordem cronológica. Esse procedimento, apesar de ser lento, auxiliou na análise da documentação, pois a qualquer momento poderia consultar as informações contidas no documento original.

Cada documento recebe uma numeração designada pelo AESP, do tipo 71-2-6-866, e que será constantemente citada neste trabalho. Por isso, é necessário explicar o que ela significa. A primeira numeração refere-se à *caixa* em que está localizada. O segundo número, à *pasta*. A numeração seguinte localiza o *número do documento* na pasta e a última refere-se ao *ano* da documentação. Nesse sentido, o documento acima encontra-se na caixa 71, dentro da pasta de número 2, cujo número documental corresponde a 6 e compreendido entre os anos de 1828 a 1829.

Os documentos com os quais trabalhei referem-se em sua grande maioria a ofícios manuscritos enviados pelo Seminário de Santana ao Presidente da Província de São Paulo, em que se solicitavam materiais escolares, pediam providências quando algum cativo fugia, um funcionário adoecia, a instalação da instituição passava por dificuldades ou havia problemas com alunos.

Eram enviadas também pela instituição listas mensais nas quais registravam gastos com alimentação, roupas, utensílios para cozinha e materiais escolares. Sobre esse assunto, encontrei dois documentos, que se referem a dois períodos. O primeiro que vai de outubro de 1827 a setembro de 1828 e intitula-se *Conta de receita e despesas do Seminário de Santana de outubro de 1827 a setembro de 1828 assinada pelo Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Vice Presidente da Província de São Paulo*. E o segundo que se delimita entre o período de novembro de 1828 a outubro de 1829, intitulado *Conta de receita e despesas do Seminário de Santana de novembro de 1828 a outubro de 1829 assinada pelo Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Presidente da Província de São Paulo*.

Também para auxiliar na compreensão do objeto de estudo, encontramos na série *Ofícios Diversos da Capital* três relatórios elaborados pela Comissão Fiscalizadora, nomeada pela Câmara Municipal da Província de São Paulo para realizar visitas em estabelecimentos de caridade, prisões e Igrejas. São relatórios que registram acontecimentos dos anos de 1830 a 1831 no Seminário de Santana, e eram assinados por Joseph Xavier de Azevedo Marques.

Baseando-se nesse conjunto documental, organizamos o trabalho em três partes. No primeiro capítulo, procuraremos investigar os envolvidos com a criação do Seminário, onde ficou instalado, a que perfil de crianças atendia e com quais recursos se mantinha. Depois, com o intuito de analisar o cotidiano de funcionamento da instituição, nesse mesmo capítulo, relataremos as práticas dos agentes do Seminário: Diretor Manoel Francisco de Andrade, Regente Luis do Coração de Jesus, Escravos e Capelão. No segundo capítulo, para compreender melhor o cotidiano do Seminário de Santana, estudaremos a cultura material da instituição, de maneira a caracterizar o modo de viver dos meninos. Discorreremos sobre os alimentos que provavelmente consumiam nas principais refeições: almoço, jantar e ceia, como se portavam à mesa, os tipos de roupas que poderiam usar e observaremos brevemente as noites do Seminário.

No capítulo 3, nosso objetivo é apresentar como o ensino mútuo aparece na instituição, faremos referência ao Monitor, traremos alguns materiais escolares que eram utilizados. Concomitantemente, relataremos episódios envolvendo alguns alunos do seminário que conseguimos localizar. Por fim, trataremos da saída do Professor de primeiras letras do Seminário, que deixou a instituição para lecionar na escola de Santa Ifigênia.

Capítulo 1

A criação e o funcionamento

O objetivo desse capítulo é trazer informações sobre a fundação do Seminário de Santana: mostrar os envolvidos na criação do Seminário, em que local foi instalado, que meninos a instituição acolhia e com que rendas se mantinha. Além disso, procuraremos mostrar o funcionamento da instituição. Para isso, abordaremos as obrigações dos principais responsáveis pelo andamento do Seminário. Discorreremos sobre o Diretor Manoel Francisco de Andrade e sua dedicação com os meninos e com a casa e sobre a função do Regente Luis do Coração de Jesus e dos Escravos. Também observaremos as dificuldades pelas quais a instituição passava, com a falta de Capelão, com o mau trabalho dos escravos, com avanço da precariedade do prédio onde estavam estabelecidos e com seu estabelecimento fora do perímetro urbano de São Paulo. Neste capítulo não daremos enfoque ao Professor de Primeiras Letras, João Francisco dos Santos, e nem aos meninos. Para eles, dedicaremos o capítulo 3.

* * *

Segundo Hilsdorf (2004, p. 219-220) “ (...) em São Paulo os Seminários dos Educandos foram organizados em propostas de fins de 1824 do Presidente da Província, Lucas A. Monteiro de Barros, ao Conselho da Presidência da Província e autorizados a funcionar pelo Imperador, o de meninas, em 8/1/1825 e o de meninos, 8/4/1825”. Vale lembrar que além de Lucas Monteiro de Barros, primeiro presidente da Província e, mais tarde, Visconde de Congonhas, Joaquim Luís do Livramento esteve envolvido na criação do Seminário de Santana. Ele também fundou “estabelecimentos semelhantes na

Bahia e na Ilha Grande, quando veio fundar em São Paulo, o Seminário de Santana”(BUENO, 1976, p. 14-15).

De fato, em 27 de setembro de 1824, a Portaria 3^a informava que o “Seminário de Educação na cidade de São Paulo se manda(va) estabelecer na propriedade de Santa – Anna” (Portaria 3^a, 27 de Setembro de 1824, Coll. Cit., Decreto de 8 de abril de 1825, Coll. Cit., Província 4 de outubro de 1824)¹.

A propriedade de Santa – Anna (ou Santana) foi uma “propriedade nacional, tomada dos jesuítas, distante uma légua da zona norte da vila, com terras, uma boa sede e uma capela própria” (HILSDORF, 2004, p. 227). Aliás, como nos mostra Torres (1970, p. 18-20), a Fazenda de Santana pertencente aos jesuítas “teve sua origem com a doação de uma sesmaria do Colégio da Companhia de Jesus em 1673” e foi uma “das muitas propriedades que os padres da Companhia de Jesus possuíam no Brasil, na época colonial, formando vasto e rico patrimônio”. Em meados do século XVIII, dispoñdo de “300 cabeças de gado bovino e 10 cavalos, a Fazenda de Santana podia fornecer leite à Cidade, além de mandioca, legumes e frutas”. Como podemos notar a Fazenda de Santana era muito produtiva.

Por pertencer aos jesuítas, a Fazenda de Santana possuía uma Igreja, e por ela estar “praticamente em ruínas”, em 1727, “o reitor José Viveiros (...) decidira restaurá-la construindo uma casa anexa para residência dos Padres”. A casa tinha “oito cubículos, dois corredores, uma varanda forrada, um sobrado coberto de telhas, com lojas, cozinha e refeitório. (...) Ao todo eram 12 portais e 13 janelas”². Entretanto, a política do Marquês de Pombal expulsou os jesuítas de terras portuguesas, e, dessa forma, a Fazenda de Santana passou à Coroa (TORRES, 1970, p. 18-20).

¹ MENDONÇA, Francisco Maria de Souza Furtado. *Repertório geral ou índice alfabético das leis do Império do Brasil*. Rio de Janeiro, 1847, p. 260, Tomo 4^o, 1^a parte.

² Até o momento, não temos informações se essa instalação original foi mantida no momento em que o Seminário de Santana apropriou-se dela.



Fachada do antigo solar, sede da Fazenda de Santana. Em ruínas, a Capela de Santana. (s/d)³

Mais tarde, em 1825, a sede dos jesuítas, desativada, foi repassada ao Seminário de Educação. O Seminário, então instalado, recebeu o nome de *Seminário de Santana*, “assim chamado por ser estabelecido numa antiga casa dos jesuítas (...) que tinha anexa uma pequena igreja com essa invocação” (BUENO, 1976, p. 14-15).

Mas voltemos a análise da Portaria 3^a. Inquietamos-nos pelo fato de que ela nos sugere que o Seminário já funcionava na cidade antes de ser transferido para a propriedade de Santana: “Seminário de Educação **na cidade de São Paulo** se manda estabelecer na propriedade de Santa - Anna”. Trata do mesmo assunto o decreto de 8 de abril de 1825, no qual o Imperador estabeleceu uma consignação mensal para suprir as despesas do Seminário de Sant’Anna da Província de São Paulo. Nesse caso é mais enfático: “(...) **Seminário de Santa Anna novamente estabelecido na Província de São Paulo** (...)”⁴. Somos, assim, levados a questionar o motivo da provável transferência do Seminário para fora da cidade de São Paulo. No entanto, não encontramos nenhuma informação precisa que trate do assunto. Somente sabemos que, por ordem Imperador, o Seminário começou a funcionar em 8 de abril de 1825.

³ Retirado do livro *O bairro de Santana* de Maria Celestina Teixeira Mendes Torres (São Paulo, Oficinas de Artes Gráficas Bisordi S. A., 1970, p. 19). Como no documento não consta data, não é possível localizar a que momento ele se refere. No entanto, a fotografia fornece-nos uma idéia da dimensão do prédio onde provavelmente o Seminário de Santana se estabeleceu.

⁴ Coleção de decretos, cartas imperiais e alvarás do Império do Brasil de 1825, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1885, p. 43.

Pela dificuldade em encontrarmos uma documentação mais detalhada sobre os preparativos da criação do Seminário de Santana e devido à ausência de um regimento interno na instituição⁵, não sabemos os critérios que determinavam o abrigo de certos meninos em detrimento de outros. Segundo Hilsdorf (2004, p. 219-220), o Seminário de Santana foi destinado “como estabelecimento de caridade provincial para abrigo e formação de crianças pobres e desamparadas”. Sem dúvida, a categoria *pobre* aparece freqüentemente na documentação consultada como sendo um perfil dos alunos abrigados:

“Apresento a V. Ex.^a a conta de despesas deste Seminário de Santana feita desde fins de setembro de 1827 até fim do mês de 1828 e justamente o mapa dos educandos do mesmo seminário que se acham prontos para seguirem outro destino advertindo porém que são **pobres** (...)”⁶.

“Recebi o ofício da V. Ex.^a datado de 26 do presente mês em virtude do qual apresento a V. Ex.^a a lista dos meninos **pobres** e pensionistas”⁷.

“Receita da fazenda que levou o Sr. Luis, Regente do Seminário, para vestuário dos meninos **pobres**”⁸.

“No entanto, é preciso advertir que requerendo à títulos de **pobres** alguns meninos (...)”⁹.

⁵ A falta de um regimento interno foi denunciado pela Comissão Fiscalizadora em 26 de julho de 1830: “O regimento interno não aparece pelo que a Comissão pode ajuizar, e pelas indagações a que procedeu; mas é de rigorosa necessidade a organização de estatutos que regulem a administração interna” (Cópia de dois artigos do relatório feito pela Comissão de visita de prisões e estabelecimentos públicos de caridade nesta cidade, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 26 de julho de 1830, 72-1-40A-867.).

⁶ Conta de receita e despesas do Seminário de Santana de outubro de 1827 a setembro de 1828 assinada pelo Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Vice Presidente da Província de São Paulo, 10 de novembro de 1828, 71-2-6-866.

⁷ Ofício do Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Presidente da Província de São Paulo, 28 de novembro de 1829, 71-3-67-866.

⁸ Ofício de Francisco José Reis, s/d, 71-1-27-866.

⁹ Cópia de vários artigos do relatório da Comissão encarregada de visitas a estabelecimentos públicos de caridade e de examinar o estado das prisões civis, eclesiásticas e militares, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 21 de maio de 1831, 72-2-29A-867.

Fora isso, a categoria *pobre* aparece, ainda, no decreto de 8 de abril de 1825 assinado com a rubrica do Imperador: “Tendo consideração a que o Seminário de Santa Anna novamente estabelecido na Província de São Paulo **a bem dos meninos pobres**, não tem os fundos necessários para sua cônica manutenção (...)”¹⁰. Como nos alerta Hilsdorf (2004, p. 219-220), o Seminário não se limitava ao atendimento somente de pobres, aceitando também filhos órfãos de militares.

A instituição se mantinha com a quantia de 50\$000 réis mensais, ou 600\$000 réis anuais, adquiridos dos cofres provinciais, como nos mostra o decreto de 8 de abril de 1825:

"Decreto - 8 de abril de 1825

Estabelece uma consignação mensal para suprir as despesas do Seminário de Sant'Anna da Província de S. Paulo

Tendo consideração a que o Seminário de Santa Anna novamente estabelecido na Província de São Paulo a bem dos meninos pobres, não tem os fundos necessários para sua cônica manutenção; e merecendo sempre tais estabelecimentos uma particular proteção pelos úteis fins a que se destinam: **Hei por bem que pelo cofre do subsidio literário daquela Província se consigne a quantia mensal de 50\$000, para suprir as despesas do dito Seminário.** Marianno José Pereira da Fonseca, do Meu Conselho de Estado, Ministro e Secretario de Estado dos Negócios da Fazenda, e Presidente do Tesouro Público, o tenha assim entendido, e faça executar os despachos necessários.

Paço, em 8 de abril de 1825, 4a da Independência e do Império

Com a rubrica de Sua Majestade o Imperador, Estevão Ribeiro de Rezende¹¹.

¹⁰ Coleção de decretos, cartas imperiais e alvarás do Império do Brasil de 1825, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1885, p. 43.

¹¹ Coleção de decretos, cartas imperiais e alvarás do Império do Brasil de 1825, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1885, p. 43.

Essa quantia era insuficiente para arcar com as despesas do Seminário. Dessa forma, outra fonte de rendimento era necessária e provinha da Loteria. Segundo Moraes e Silva (1858), loteria era:

“Jogo em que se dá dinheiro para se dar o lote, ou sorte correspondente a um número impresso, a que se dá a quem compra o bilhete da Loteria; ficando na roda outro número que se extrai publicamente, e outra roda, ou caixa extrai-se, ou tira-se ao mesmo tempo outro bilhete; e se indica prêmio, ganha o que entrou na loteria. Costumam-se fazer por autoridade pública as vendas dos bilhetes por pessoas fiéis, e tudo com presidência do juiz, hoje os prêmios são comumente em dinheiro”.

No entanto, esse auxílio acontecia raramente. Em certa ocasião, o Seminário de Santana e o Seminário de Glória ficaram com metade do rendimento da loteria da Província de São Paulo. No entanto, esse não era um recurso muito seguro, pois caso não houvesse a venda de todos os bilhetes, as instituições beneficiadas pelos recursos da Loteria teriam que arcar com a compra deles:

“II.^{mo} Ex.^{mo} S.^{or}

Querendo a mesa da S^{ta} Casa da Misericórdia desta Imperial Cidade fazer andar a roda da 2^a parte de sua loteria, e estando bem persuadida, que não se venderão todos os bilhetes, e então ficará ela com os que restarem, talvez sem lucros tem a honra por isso de rogar a V. Ex.^a se digne em beneficio da mesma [Ilegível], que os Seminários de Sant’Anna e Glória, a cujos estabelecimentos pertence a metade do rendimento da mencionada loteria, entrem em sociedade na compra desses bilhetes, que não se venderem. Espera pois a mesa, que a V. Ex.^a anuindo a justiça da causa, se sirva assim de terminar.

D^s G^c a V.^a Ex.^a [Ilegível] em Mesa de 14 de fevereiro de 1830.

II.^{mo} Ex.^{mo} S.^{or} Jozé Carlos Pereira de Almeida Torres, Presidente desta Província
No impedimento do Ex.^{mo} R.^{mo} Provedor

Antonio Paes de Camargo
Joaquim Floriano de Godoi
Francisco de Assiz e Cruz”¹².

¹² Ofício de Antonio Paes de Camargo e outros ao Presidente da Província de São Paulo, José Carlos Pereira de Almeida Torres, 14 de fevereiro de 1830, 72-1-14-867.

Ainda assim, os rendimentos eram elevados e, de qualquer forma, auxiliavam o Seminário. Em 1831, o Seminário de Santa Anna recebeu 218\$850 réis¹³ proveniente de Loteria, equivalente a aproximadamente quatro mensalidades adquirida dos cofres provinciais.

Além do rendimento das loterias, juntavam-se à verba de 50\$000 réis mensais, dada pelo síndico, as mensalidades dos pensionistas. Sabemos que D. Anna Francisca Gonzaga, viúva do falecido Coronel Gonzaga, pagava ao Seminário 6\$400 réis mensais por seus dois filhos¹⁴. Os pagamentos não eram efetuados com regularidade. Por exemplo, as mensalidades de setembro a dezembro de 1827 só foram quitadas por D. Anna Francisca em janeiro de 1828¹⁵. Só em julho de 1828, ela pagou as mensalidades referentes aos meses de março a junho do mesmo ano.

A mesma demora é observada no pagamento das mensalidades do filho de Coronel Cruz. Em abril de 1828, Cruz pagava ao Seminário a quantia de 16\$000 réis referente aos meses de janeiro a março. Nesse caso o preço da mensalidade era 4\$000 réis.

Além dos recursos providos de mensalidades da Província, dos pensionistas e de loterias, as verbas do Seminário eram complementadas com rendimento dos pastos do Seminário: “Ao que parece, os Seminários não eram unidades improdutivas, pois tinham várias fontes de rendimentos” (HILSDORF, 2004, p. 227). Em 1831, o regente do Seminário, Luis do Coração de Jesus, informava ao Presidente da Província de São Paulo, Rafael Tobias d’Aguiar, que encarregava Frutuoso Bueno para que cobrasse o

¹³ Ofício de Gabriel [Ilegível], 9 de fevereiro de 1831, 72-1-92-867.

¹⁴ Conta de receita e despesas do Seminário de Santana de outubro de 1827 a setembro de 1828 assinada pelo Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Vice Presidente da Província de São Paulo, 10 de novembro de 1828, 71-2-6-866.

¹⁵ Conta de receita e despesas do Seminário de Santana de outubro de 1827 a setembro de 1828 assinada pelo Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Vice Presidente da Província de São Paulo, 10 de novembro de 1828, 71-2-6-866.

rendimento do pasto porque ele estava muito atarefado com a administração da casa e com a educação dos meninos:

“Em consequência do ofício de V. Ex.^a da data de 25 de Novembro, em que me ordenou que tomasse conta do pasto deste Seminário, o que assim fiz; porém como não sendo possível por mim só o poder de arrecadar os rendimentos do dito pasto sem o prejuízo da educação dos meninos, e administração interna da casa, encarreguei Frutuoso Bueno que de ora em diante cobrasse o que render do dito pasto, por tanto dou parte a V. Ex.^a de assim ter praticado”¹⁶.

Apesar de todos esses rendimentos, o Seminário não conseguia arcar com todas as despesas. Por causa disso, a instituição recebia *esmolas*¹⁷. As esmolas não apareciam todos os meses. Em novembro de 1827, o Seminário recebia esmolas que vinham de São Carlos, com quantia de 2\$560. Nessa mesma data, Manuel Barboza colaborava com a quantia de \$640 réis. E depois, em setembro do mesmo ano, com a quantia de 3\$000. Esmolas também eram dadas por Visconde de Congonha do Campo, primeiro presidente da província, que ajudava a instituição mensalmente, conforme o Diretor Manuel Francisco de Andrade¹⁸.

Com esses rendimentos o Seminário provia o sustento do Diretor, Capelão, Regente, Escravos, Mestre de Primeiras Letras e meninos. Todos “comem, vestem, calçam a custa da Casa”¹⁹.

O primeiro diretor do referido seminário foi o Irmão Joaquim Francisco do Livramento (MARTINS, 2003, 1^a Ed. 1911, p. 34), um dos idealizadores do Seminário de Santana. Mas não obtivemos informações sobre ele, ao contrário de Manoel

¹⁶ Ofício do Regente Luis do Coração de Jesus ao Presidente da Província de São Paulo Rafael Tobias de Aguiar, 5 de dezembro de 1831, 72-3-12-867.

¹⁷ “Esmola: é o que se dá por caridade ao pobre ou necessitado” (MORAES E SILVA, 1858).

¹⁸ Ofício do Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Presidente da Província de São Paulo, 10 de fevereiro de 1829, 71-2-51-866.

¹⁹ Conta de receita e despesas do Seminário de Santana de outubro de 1827 a setembro de 1828 assinada pelo Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Vice Presidente da Província de São Paulo, 10 de novembro de 1828, 71-2-6-866.

Francisco de Andrade, diretor do Seminário de Santana, que aparece constantemente na documentação consultada e sobre o qual discorreremos mais adiante. Não sabemos ainda qual foi o critério de sua escolha, porque não encontramos documentos sobre o assunto e devido à inexistência de um regimento interno.

A falta de um estatuto, que norteasse o funcionamento do Seminário, persistiria e foi denunciado novamente quando a Comissão Fiscalizadora realizava a vistoria na instituição, em 21 de maio de 1831: “O Estabelecimento não tem Estatutos, por onde se governe, o que é indispensável”²⁰.

Essa Comissão Fiscalizadora foi criada em fins de 1829, quando o artigo 56 da Lei do Regimento Interno da Câmara Municipal permitia sua entrada em prisões e estabelecimentos de caridade²¹. Um dos membros nomeado pela Câmara Municipal para compor a comissão encarregada de visita aos estabelecimentos de caridade foi o Capitão Thomaz Aquino e Castro, conforme ofício de 18 de maio de 1830:

“Tendo a Câmara Municipal d’esta Cidade em virtude do Artigo 56 da Lei de seu Regimento nomeado na 2ª Reunião d’este ano, a Comissão para visitar as prisões e estabelecimentos de caridade sendo um dos membros o Capitão Thomaz de Aquino e Castro, assim o participa a V. Ex.^a R.^{ma} para que se digne de providenciar na Provisão do Conselho Supremo Militar de 8 de novembro do ano e sobre a franca entrada da mesma Comissão nas sobreditas estações”²².

Outra Comissão foi nomeada pela Câmara Municipal, em 23 de outubro de 1830, sendo composta pelos Coronéis Francisco Alves Ferreira do Amaral, Antonio da

²⁰ Cópia de vários artigos do relatório da Comissão encarregada de visitas a estabelecimentos públicos de caridade e de examinar o estado das prisões civis, eclesiásticas e militares, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 21 de maio de 1831, 72-2-29A-867.

²¹ Ofício da Câmara Municipal da Cidade de São Paulo para o Vice Presidente da Província de São Paulo Manuel Joaquim G. de Andrade, 18 de maio de 1830, 72-1-24-867

²² Idem.

Silva Prado, Bernardo Joseph Pinto Galvão Peixoto, Joseph Antonio Pimenta Bueno e Francisco Antonio de Souza Queirós para visitarem as prisões e estabelecimentos de caridade.

“Finalmente participa a Câmara a V. Ex.^a R.^{ma} para que envie, nas necessárias ordens, na forma de costume, que tem nomeado pra a Comissão de visitas de prisões e estabelecimentos de caridade, aos Coronéis Francisco Alves Ferreira do Amaral, Antonio da Silva Prado e Bernardo Joseph Pinto Gavião Peixoto, e o Joseph Antonio Pimenta Bueno, o Francisco Antonio de Souza Queirós”²³.

Na documentação consultada, os relatórios da Comissão Fiscalizadora aparecem em fins do ano de 1829. Em 1830, a documentação nos diz que houve apenas uma visita, em 26 de julho de 1830. Duas visitas ocorreram em 1831, uma em 21 de maio e outra em 5 de setembro.

No entanto, uma primeira visita ao Seminário, com intuito de fiscalização, ocorreu em 1828, quando uma portaria do Governo de 9 de agosto de 1828 autorizava a entrada de Joaquim de Manuel de Oliveira e Castro no Seminário de Santana²⁴:

“Em observância da Portaria deste Governo em 6 do presente Mês fiz inesperadamente a visita ao Seminário de Santa Anna onde existem 17 numeristas e 7 pensionistas, e observei a melhor ordem possível tanto espiritual como corporal, pelo que se faz digno de louvor o Diretor, que se acha ao cargo daqueles alunos”.

Joaquim Manuel de Oliveira e Castro, como podemos ver, realiza um comentário sintético a respeito do andamento do Seminário, relatando apenas o número de crianças abrigadas e elogiando o papel do Diretor.

²³Ofício de Joaquim Antonio A. Alvim ao Vice Presidente da Província de São Paulo, 23 de outubro de 1830, 72-1-s/n-866.

²⁴ Ofício de Joaquim de Manuel de Oliveira e Castro, 9 de agosto de 1828, 71-1-61-866.

Apesar dos elogios, o diretor Manoel Francisco de Andrade seria alvo de reclamações freqüentes tanto do Presidente da Província de São Paulo quanto dos Relatórios da Comissão Fiscalizadora.

O Presidente da Província de São Paulo, em certa ocasião, por exemplo, reclamou dos maus serviços prestado pelo Diretor Manoel Francisco de Andrade nos cuidados da casa e no descuido no tratamento dos meninos. Isso se comprova quando o Diretor, em ofício de 10 de fevereiro de 1829, discordando das críticas do Presidente da Província, relatou que não era verdade que só aparecia no Seminário aos domingos e dias santos para dizer Missa: “eu provarei legalmente se preciso for que em muitos outros dias da semana compareço naquela casa não só para dizer missa como para ver o estado dela”²⁵. E continuou dizendo que o Seminário era varrido duas vezes ao dia. Os meninos tinham roupa e calçados novos para serem usados em domingos e dias santos. As outras roupas, que não se achavam em bom estado, eram usadas em dias de semana.

Na visão do Diretor, as dificuldades do Seminário não eram resultado de uma administração ineficiente, mas causadas pelo mau serviço dos escravos, chamados de “ladrões, fujões e velhacos”, que, dessa maneira, comprometiam o andamento da instituição. Segundo ele, havia um escravo alugado que não conseguia “abranger todo o serviço de fora”, como, por exemplo, comprar carne fresca todos os dias na Cidade. E quando era possível buscar o mantimento, não conseguia chegar a tempo para a hora do almoço. Dessa forma, os meninos eram obrigados a comer carne salgada uma ou duas vezes na semana.

²⁵ Ofício do Diretor Manuel Francisco de Andrade ao Presidente da Província de São Paulo, 10 de fevereiro de 1829, 72-1-51-866.

“(…) e mais um alugado que não pode abranger todo o serviço de fora motivo este para que não poder todos os dias buscar carne fresca e quando muito isto sofre possível ainda assim não podem os meninos dispensar de comer carne salgada de um a dois dias, uma vez que não pode vir sempre a hora do almoço”²⁶.

Também faltavam aos meninos assistência médica e remédios. Por isso, o diretor os levava para sua casa a fim curá-los: “tem adoecido alguns meninos tenho levado para minha casa para curá-los assistindo-os com remédio com mais preciso sem disto apresentar despesa”²⁷. Por fim, o Diretor defendeu-se dizendo que:

“Se as despesas de quanto tenho ponderado, V. Ex. acha que sou digno de sérias advertências peço então a V. Ex. de demitir de um emprego cujos deveres são superiores às minhas forças”²⁸.

O Diretor volta ser moralmente criticado no relatório da Comissão Fiscalizadora em 5 de setembro de 1831. Segundo o relato, havia dois meses que o Diretor não visitava a Casa e ele se servia dos pastos do Seminário tanto para recolher nele seus animais quanto para alugá-lo a passageiros. O Seminário não sabia o fim para que se dava os rendimentos.

“O atual encarregado da direção dos órfãos disse à Comissão que o Diretor daquele estabelecimento havia dois meses que lá não aparecia, (...) e soube mais a Comissão que ele servia-se dos pastos pertencentes ao mesmo Seminário, já recolhendo ali seus animais, já alugando a passageiros (...), a Comissão não pode saber o fim, que se fim se dá a tal rendimento, e espera de que a Câmara tomará disto o devido conhecimento”²⁹.

²⁶ Idem.

²⁷ Idem.

²⁸ Idem.

²⁹ Cópia de uma parte do relatório apresentado à Câmara Municipal pela Câmara encarregada de visita a prisões e a estabelecimentos de caridade, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 5 de setembro de 1831, 72-1-55 A-867.

Logo, o que se nota é um conflito entre o Presidente da Província e o Diretor do Seminário de Santana, como nos mostra Hilsdorf (2004, p. 237):

“Talvez uma explicação do penoso cotidiano do Seminário nos seus primeiros anos venha da intromissão do século XVIII nas práticas de vida no século XIX, no sentido de que os diretores e regentes não agem como funcionários do governo, administrando suas casas como coisa privada e mostrando resistência àquela que é uma das marcas do século XIX: ganhar proteção do Estado pela submissão à lei”.

O problema dos escravos, mencionado pelo Diretor, era recorrente. Luis do Coração de Jesus, regente do Seminário, já havia tratado do assunto em ofício de 12 de abril de 1828, alegando que os dois escravos da Fazenda de Santana estavam “inteiramente inveterados no vício e na embriaguez” e por causa disso via-se obrigado “mandar os meninos prontificarem comida e n’outros trabalhos de primeira necessidade”³⁰. Além dos vícios, o Regente denunciou a fuga do escravo André que se achava “fugido para dentro da Cidade há mais de um mês”. Apesar dos esforços em vigiar os escravos e aplicar-lhes correções necessárias, além de informar o Diretor a respeito do assunto, Luis do Coração de Jesus recorria ao Presidente da Província de São Paulo, Thomas Xavier Garcia de Almeida, para que mandasse agarrar “o escravo André pelas Patrulhas” e permitindo que ele o punisse para que, dessa forma, pudesse corrigi-lo.

“Tenho a honra de fazer presente a V. Ex.^{ca} que dois escravos da Fazenda Nacional destinadas para o serviço deste Seminário da Santa Anna sendo inteiramente inveterados no vício da embriaguez, fazem por isso, e por lugar repetidas não só recair sobre o mesmo Seminário bastantes prejuízos, como até deixarem-me na necessidade de mandar os Educandos prontificarem comida, e cuidarem n’outros

³⁰ Ofício do Regente Luis do Coração de Jesus ao Presidente da Província de São Paulo Thomas Xavier de Almeida, 12 de abril de 1828, 71-1-38-866

trabalhos de primeira necessidade; não obstante porém a necessária vigilância, e correção que lhes tenho aplicado. Um deles de nome André acha-se fugido dentro da cidade a mais d'um mês, apesar da freqüência com que tenho representado ao Diretor. Por falta pois de providências à semelhante respeito, vejo me obrigado a recorrer a V. Ex.^{ca}. Por isso que todo o incômodo, e responsabilidades por mim recaem. Por tão justos motivos suplico a V. Ex.^{ca} a graça de mandar agarrar aquele escravo pelas Patrulhas, e dar-me concepção para condená-lo em [Ilegível] que de alguma maneira de corrija-lo”³¹.

O escravo André continuaria fugido por volta do mês de julho de 1828, quando “pagou-se ao Capitão do Mato que trouxe o escravo André” por 5\$760 réis³².

Como dissemos, em fevereiro de 1829, o Seminário possuía dois escravos e um escravo alugado que eram responsáveis por fazer compra de víveres na Cidade, pelo preparo das refeições e por lavar as roupas dos meninos. Mas, como os escravos da Fazenda de Santana fugiam constantemente, as tarefas domésticas do Seminário se acumulavam, restando ao escravo alugado a responsabilidade por todos afazeres da Casa. Por causa disso, o Regente Luis do Coração de Jesus, julgou indispensável “a conservação de um camarada”, como nos mostra o ofício de março de 1829³³. Nesse período, 21 dias de jornal de camarada custava ao Seminário 4\$000 réis³⁴. Além disso, o Regente solicitou um escravo “destinado para a lavagem de roupas”, que também poderia ajudar em “quaisquer afazeres”³⁵.

³¹ Idem.

³² Conta de receita e despesas do Seminário de Santana de outubro de 1827 a setembro de 1828 assinada pelo Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Vice Presidente da Província de São Paulo, 10 de novembro de 1828, 71-2-6-866.

³³ Ofício do Regente do Seminário Luis do Coração de Jesus ao Presidente da Província de São Paulo, março de 1829, s/n, s/n, s/n, 866.

³⁴ A documentação nos mostra que houve pagamento de jornais de camarada até outubro de 1829. Ver em anexo na página 84.

³⁵ Ofício do Regente do Seminário Luis do Coração de Jesus ao Presidente da Província de São Paulo, março de 1829, s/n, s/n, s/n, 866.

Em 1830, o problema do número insuficiente de escravos para o Seminário persistiu: “Portanto parece muito pouco dois escravos(...)”³⁶. A situação piorou mais tarde quando o Regente do Seminário entregou o escravo Florentino ao governo da Província de São Paulo, com a promessa de mandar outro escravo para o Seminário de Santana para substituir aquele, ficando o Seminário com apenas um escravo para “abranger o serviço necessário”³⁷.

Em 1831, o Seminário novamente com dois escravos, reclamava pela fuga de seus cativos. Apesar dos prejuízos que a instituição teve que despender com as fugas do escravo André desde de 1828, os esforços eram válidos para mantê-lo no Seminário, porque André “era muito hábil cozinheiro”. A fim de tentar solucionar a situação, o Regente Luis do Coração de Jesus pediu para casá-lo com uma das escravas da Fazenda Nacional. Assim, os problemas acabariam e seria mais vantajoso: haveria mais uma escrava que ajudaria “lavar” e “arranjar a roupa dos meninos”.

“Cumpre-me levar ao conhecimento de V. Ex.^{ca}, que sofre-se neste Seminário bastantes precisões por falta de serventes, visto que só há dois e um destes vive efetivamente fugido. Ora este escravo (de nome André) é muito hábil cozinheiro, e por isso cumpre buscar todos os meios de o conservar, o que julgo com facilidade se conseguirá; mandando-o V. Ex.^{ca} casar com alguma das escravas da Fazenda Nacional, e no entanto esta escrava não só poderá coadjuvar, como também lavar, e arranjar a roupa dos Educandos, o que é inteiramente vantajoso. Suplico para tanto a V. Ex.^{ca} se digne com brevidade ocorrer com as providencias, pois od.^o presentemente se acha fugido, e no entanto sofrendo-se aqui muitas precisões”³⁸.

³⁶ Cópia de dois artigos do relatório feito pela Comissão de visita de prisões e estabelecimentos públicos de caridade nesta cidade, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 26 de julho de 1830, 72-1-40A-867.

³⁷ Ofício do Regente Luis do Coração de Jesus ao Vice Presidente da Província de São Paulo, 17 de agosto de 1830, 72-2-50-867.

³⁸ Ofício do Regente Luis do Coração de Jesus ao Presidente da Província de São Paulo, Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, 21 de março de 1831, 72-2-5-867.

Parece que a proposta não trouxera resultados porque em fins de 1831 os problemas persistiriam: “Os escravos destinados para o serviço daquela casa são muito poucos pois sendo só dois, e um destes andando quase sempre fugido”. Quando um escravo ia para a cidade comprar mantimentos ou levar algum menino adoecido para o hospital, não havia quem cozinhasse, “vindo assim os meninos sofrerem fome pelo tempo”:

“Os escravos destinados para o serviço daquela casa são muito poucos pois sendo só dois, e um destes andando quase sempre fugido. Acontece que quando o que está em casa é preciso vir à Cidade, os meninos ficam sem ter quem cozinhe, vindo assim sofrerem fome pelo tempo (...), devendo a Câmara prevenir tão grande mal, e repetido, pois que isto sucede todas as vezes que é necessário qualquer coisa da Cidade, e principalmente quando adocece algum órfão, vindo assim a sofrer não só o enfermo pela delonga dos facultativos e remédios, como também os outros pela falta de quem lhes faça comer”³⁹.

Como podemos perceber, foi responsabilidade do Regente do seminário, Luis do Coração de Jesus, fiscalizar o trabalho dos escravos. Mas sua função ia além disso. Com a falta de cativos, reorganizou o funcionamento da Casa: mandava os meninos cuidar do preparo das refeições e solicitava camaradas para auxiliar no serviço da Casa. Isso ocorria porque, como nos explica Bueno (1976, p. 14-15), Luis do Coração de Jesus foi responsável pela direção administrativa do Seminário de Santana desde o falecimento de Joaquim Luís do Livramento.

“Por esse motivo o estabelecimento, que era subvencionado pelo governo da Província, funcionava sob a direção administrativa do Irmão Luís, paulista de Campinas, catecúmeno do Irmão Joaquim”.

³⁹ Cópia de uma parte do relatório apresentado à Câmara Municipal pela Câmara encarregada de visita a prisões e a estabelecimentos de caridade, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 5 de setembro de 1831, 72-1-55 A-867.

A documentação consultada confirma a idéia de que Luis do Coração de Jesus exercia função de administrador no Seminário de Santana:

“**Como encarregado do governo deste Seminário** julgo do meu dever fazer chegar ao respeitável o conhecimento das inúmeras precisões”⁴⁰.

“Em conseqüência do ofício de V. Ex.^{ca} da data de 25 de Novembro em que me ordenou que tomasse conta do pasto deste Seminário, o que assim o fiz; porém como não sendo possível por mim só o poder de arrecadar os rendimentos do pasto sem prejuízo da Educação dos meninos e **administração interna da casa**, encarreguei (...)”⁴¹.

Além da falta de escravos, o andamento das atividades do Seminário foi prejudicado pela falta de Capelão. Em 1828, o Diretor Manoel Francisco de Andrade informava ao Presidente da Província que ele se “achava muito enfermo”⁴². A informação só aparece novamente em 1831, quando o Presidente da Província de São Paulo, Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, em resposta ao ofício que recebeu do Seminário, diz que, embora houvesse falta de sacerdotes na cidade, recomendava o Padre Antonio José de Souza Lima: “que me persuado está nas circunstâncias de ir ocupar o mencionado lugar. Eu mando avisar para que ele se apresente a V. Ex.^{ca}”⁴³. Em fins de 1831, a Comissão Fiscalizadora voltava a relatar que notava “a falta de um

⁴⁰ Ofício de Luiz do Coração de Jesus ao Presidente da Província de São Paulo, março de 1829, s/n, s/n, s/n, 866.

⁴¹ Ofício de Luis do Coração de Jesus ao Presidente da Província de São Paulo Rafael Tobias de Aguiar, 5 de dezembro de 1831, 72-3-12-867.

⁴² Ofício do Diretor do Manoel Francisco de Andrade ao Presidente da Província de São Paulo, 28 de junho de 1828, 72-1-s/n-867.

⁴³ Ofício do Presidente da Província de São Paulo Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho ao Seminário de Santana, 5 de fevereiro de 1831, 72-1-88-867.

capelão naquele estabelecimento, ficando os pobres órfãos privados das vantagens da santa religião”⁴⁴.

Somava-se a essas dificuldades a progressiva deterioração da instalação da Casa. Ainda que os primeiros relatórios revelem que o edifício fosse “decentemente arranjado”, “mui cômodo”, “mui bom”⁴⁵, como aparece no relatório da Comissão Fiscalizadora de 7 de dezembro de 1829, ou que “o edifício tem [tivesse] a comodidade necessária”, que o “dormitório está [estivesse] decente”, “as camas tinham [tivessem] a roupa necessária”, como nos diz o relatório da mesma comissão em 26 de julho de 1830, o que percebemos é que as instalações do prédio sofriam pouco a pouco um avanço de sua precariedade. Seguindo essa lógica, inicialmente a Comissão Fiscalizadora notou a necessidade do Seminário fazer alguns reparos no seu prédio, como a “necessidade de se envidraçarem as janelas” do dormitório dos meninos. Além disso, sugeriu a construção de uma horta duradoura a fim de cultivar as plantas mais necessárias para diminuir as despesas. Era necessário, assim, correr um muro no canto do edifício e, paralelo a este, e outro muro no canto da cozinha com a mesma direção e um terceiro muro servindo de base:

“e de uma boa economia correr-se um muro de canto do edifício, que olha para o sul até junto à várzea, e outro da cozinha com a mesma direção e o terceiro que servirão de base aos dois paralelos, e desta maneira formalizar-se uma horta duradoura onde se poderá cultivar as plantas mais necessária, e que muito diminuem as despesas”.⁴⁶

⁴⁴ Cópia de uma parte do relatório apresentado à Câmara Municipal pela Câmara encarregada de visita a prisões e a estabelecimentos de caridade, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 5 de setembro de 1831, 72-1-55 A-867.

⁴⁵ Cópia da 1ª parte do Relatório da Comissão de Visita dos Estabelecimentos de Caridade, Joseph Xavier de Azevedo Marques, ao Presidente da Província de São Paulo, 7 de dezembro de 1829, 71-3-75-866.

⁴⁶ Cópia de dois artigos do relatório feito pela Comissão de visita de prisões e estabelecimentos públicos de caridade nesta cidade, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 26 de julho de 1830, 72-1-40A-867.

Em 1831, quando a Comissão tornava a visitar a instituição, provavelmente os muros da horta já haviam sido construídos. Porém, não se achava ali nenhuma hortaliça “porque não há quem plante”. A Comissão insistia em dizer que ela era necessária para diminuir as despesas: “(...) isto podia concorrer para minorar as despesas no sustento dos meninos”. Mas a partir daí a situação das instalações da casa se agravaram. A casa estava cheia de goteiras. Além disso, fazia mais de seis meses que um raio havia destruído parte do telhado de uma sala. Na cozinha “se vê o fuminé ameaçando ruína” e na capela “o telhado se acha também precisando de reparação em grande parte do lado esquerdo”. Em suma, a Comissão declara que “tal era o abandono que o Seminário se acha”⁴⁷.

Em fins de 1831, a Comissão Fiscalizadora relatou que o Seminário estava “em bom estado”. Os edifícios tinham as “comodidades precisas” apenas requerendo algum reparo. Os dormitórios estavam decentes e as camas com a limpeza necessária⁴⁸. Teriam os reparos sido realizados?

O Seminário ficava instalado fora da Cidade, há uma légua de distância da zona norte da vila⁴⁹, e isso lhe trazia uma série de dificuldades. Um dos problemas ocasionados por essa distância era a demora para prestar socorro caso um menino ali adoecesse: “O Regente do dito Seminário diz que não sabe que destino terá algum menino quando ali adoecer”⁵⁰. Por isso, a comissão fiscalizadora, em maio de 1831, sugeria que o Seminário fosse removido para a cidade “pô-lo mais perto das vistas do

⁴⁷ Cópia de vários artigos do relatório da Comissão encarregada de visitas a estabelecimentos públicos de caridade e de examinar o estado das prisões civis, eclesiásticas e militares, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 21 de maio de 1831, 72-2-29A-867.

⁴⁸ Cópia de uma parte do relatório apresentado à Câmara Municipal pela Câmara encarregada de visita a prisões e a estabelecimentos de caridade, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 5 de setembro de 1831, 72-1-55 A-867.

⁴⁹ Uma légua equivale a 6.170 metros.

⁵⁰ Cópia de vários artigos do relatório da Comissão encarregada de visitas a estabelecimentos públicos de caridade e de examinar o estado das prisões civis, eclesiásticas e militares, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 21 de maio de 1831, 72-2-29A-867.

Governo como, se não se engana, já foi proposto pelo Conselho Geral”⁵¹. Quatro meses depois o pedido é reiterado pela Comissão, acrescentando que poderia ser instalado no Convento do Carmo que continha apenas dois religiosos. Muitos problemas poderiam ser solucionados, como a falta do capelão, do mestre de primeiras letras, o Cirurgião estaria mais próximo da Casa para ministrar-lhes o remédio caso algum órfão ficasse enfermo:

“1º O ordinário de um Mestre dos Seminaristas; 2º que vindo o Seminário para o Convento do Carmo não necessitam também de um Capelão poupando assim a nação de pagar esse ordenado ; 3º vindo o Seminário para dentro da Cidade, os Seminaristas serão mais bem tratados, pois que quando algum enfermo, não só o Cirurgião poderá mais prontamente e a toda hora subministrar-lhe os remédios que necessitam, sem que sofra a demora como agora pela distância em que se acha o dito Seminário, como também porque estando o mesmo à vista de todos não se cometerão muitos abusos, os órfãos se tornarão mais familiares com o resto de seus concidadãos e não terão uma educação fradesca tão perniciosa a Sociedade: portanto a Comissão espera o quanto Antes a Câmara cuidará em melhorar aquele tão útil estabelecimento trazendo para a Cidade (...)”⁵².

Até o momento, não temos informações sobre a transferência do Seminário de Santana para o Convento do Carmo. Sabemos que em 1860 o Seminário de Santana foi transferido para uma Chácara na *Tabatingüera* a fim de transferir a sede da Fazenda de Santana ao hospício dos alienados, que não chegou a ocupar o espaço, como nos mostra Giglio (2001, p. 102). Em 1861, o Seminário é ordenado a retornar ao antigo prédio - na Fazenda de Santana – para que o Seminário das Educandas se estabelecesse

⁵¹ Idem.

⁵² Cópia de uma parte do relatório apresentado à Câmara Municipal pela Câmara encarregada de visita a prisões e a estabelecimentos de caridade, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 5 de setembro de 1831, 72-1-55 A-867.

na Chácara de Tabatingüera temporariamente, pois o edifício da rua Açu, onde estavam estabelecidas, encontrava-se em ruína.

Em 1868 o Presidente da Província de São Paulo, Joaquim Saldanha Marinho, extinguiu o Seminário de Santana alegando que “a extinção do Seminário, no estado em que se acha, é economia real para a Província”. No final do século XIX, o antigo casarão seria transformado em Quartel. A construção permaneceria até 1916, quando não apenas a antiga sede da fazenda, mas tulhas, senzala e capela iriam desaparecendo para no local ser construído o Quartel do Exército, na atual Rua Alfredo Pujol (TORRES, 1970, p. 72).

Para compreendermos melhor o funcionamento do Seminário de Santana, nos propomos, no próximo capítulo, a examinar a cultura material da instituição.

Capítulo 2

A vida material do Seminário

O objetivo deste capítulo é estudar a vida material do Seminário de Santana baseando-se em *Contas de Receitas e Despesas*⁵³ da Casa enviadas ao Presidente da Província de São Paulo. São listas que compreendem os períodos de outubro de 1827 a dezembro de 1829, separadas mês a mês, contendo registros de gastos com alimentação, vestuário e diversos outros utensílios domésticos⁵⁴.

Com base nessa documentação, a primeira parte deste capítulo consiste em investigar quais tipos de produtos alimentícios eram freqüentemente consumidos no cotidiano do Seminário. Para interpretar os dados utilizamos dois trabalhos: o primeiro de Câmara Cascudo: *História da Alimentação no Brasil* e, outro, de Aluísio de Almeida, *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX*.

Assim, discorreremos sobre que tipos de alimentos eram consumidos durante as três principais refeições, como também na hora das merendas, que as intercalavam. Para deixar explícita, ao leitor, a freqüência com que consumiam determinados gêneros alimentícios, construímos tabelas, destacando as quantidades consumidas mensalmente e o preço pago por ela. Com esses dados foi possível calcular aproximadamente o consumo de alimentos e o gasto em alimentação por pessoa no Seminário. Para isso, foi necessário converter as medidas utilizadas na época, já que diferem da atual. Por exemplo, para medidas de alimentos secos, como grãos, utilizava-

⁵³ A primeira Conta de Receita e Despesa do Seminário de Santana compreende os meses de outubro de 1827 a setembro de 1828 e intitula-se *Conta de receita e despesas do Seminário de Santana de outubro de 1827 a setembro de 1828 assinada pelo Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Vice Presidente da Província de São Paulo, 10 de novembro de 1828, 71-2-6-866*.

A segunda Conta de receita e despesas do Seminário de Santana de pertence aos meses de novembro de 1828 a outubro de 1829 e intitula-se *Conta de receita e despesas do Seminário de Santana de novembro de 1828 a outubro de 1829 assinada pelo Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Presidente da Província de São Paulo, 9 de dezembro de 1829, 71-3-79-866*.

⁵⁴ Está em anexo a transcrição do documento.

se *alqueire*. Para carnes usava-se *arroba*. Para tecidos, *covados* e *varas*. Sabemos que os dados de pesos e medidas variam conforme as regiões brasileiras e, por causa disso, o ideal seria utilizarmos dados de pesos e medidas de São Paulo, mas até o momento não foi encontrado nenhum trabalho sobre o assunto. Por isso, utilizamos o quadro de pesos e medidas que encontramos no trabalho de Stuart B. Schwartz sobre a Bahia, *Segredos interno: engenhos e escravos na sociedade colonial (1550-1835)*.

Na segunda parte do trabalho tratamos da forma como se portavam à mesa. Depois, relatamos as roupas que os meninos utilizavam na época. E, para finalizar, observo brevemente o cotidiano das noites do Seminário.

* * *

2.1) Almoço, jantar e ceia no Seminário

A compra dos víveres era realizada pelos escravos do Seminário: “e assim bem se-vê que um só escravo venha comprar á Cidade”⁵⁵. Eles se deslocavam para a cidade e os produtos vinham carregados em lombos de cavalos⁵⁶, como também nos mostra Câmara Cascudo (2004, p.443): “A princípio, a maioria dos mantimentos iam das cidades distantes, carregados no lombo de animais”. Além disso, os escravos ficavam encarregados do preparo das refeições. No Seminário de Santana, André era responsável por essa função, como vimos no capítulo anterior. Ele preparava os variados tipos de pratos da época que relacionaremos abaixo.

O feijão e a farinha são dois produtos que aparecem freqüentemente na *Conta de Receita e Despesa* do Seminário. Eles eram constantes no cardápio brasileiro

⁵⁵ Cópia de vários artigos do relatório da Comissão encarregada de visitas a estabelecimentos públicos de caridade e de examinar o estado das prisões civis, eclesiásticas e militares, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 21 de maio de 1831, 72-2-29A-867.

⁵⁶ O excerto seguinte trata-se do mesmo assunto: “Portanto me parece muito pouco dois escravos, que ali estão para o serviço da Casa, bem, assim, **dois cavalos destinados para a condução dos víveres**, estão em muito mal estado, necessitam de substituição”(Cópia de dois artigos do relatório feito pela Comissão de visita de prisões e estabelecimentos públicos de caridade nesta cidade, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 26 de julho de 1830, 72-1-40A-867).

desde a primeira metade do século XVII: “Poderíamos dizer que o binômio feijão e farinha estava governando o cardápio brasileiro desde a primeira metade do século XVII”. Mas é no século XIX que o feijão seria consumido no Sul, Centro e Nordeste do país, tornando-se um prato nacional sempre acompanhado da farinha, e presente tanto em mesa de rico quanto de pobre (CÂMARA CASCUDO, 2004, p. 441)⁵⁷.

⁵⁷ O autor acrescenta mais informações: “Todos os naturalistas estrangeiros que percorreram o Brasil desde os princípios do século XIX mencionam o feijão como essencial, típico, apresentado, diariamente, no Sul, no Centro, no Nordeste do país. O século XIX revelava que o ecúmeno feijoeiro se alargava, tornando indispensável acompanhando o desenvolvimento da população, já um prato nacional, inseparável da farinha, inevitável em todas as mesas. (...) Em 1817, Saint-Hilaire vê a refeição dos escravos no Distrito Diamantino, fubá de milho, feijão e sal. ***O feijão preto forma prato indispensável na mesa do rico, e esse legume constitui quase a única iguaria do pobre, generaliza o naturalista francês***” (CÂMARA CASCUDO, 2004, p. 444, grifo meu).

**Tabela 1 – Consumo de Feijão e Farinha
(Outubro de 1827 a Dezembro de 1829)**

Período	Quantidade de alimento consumido / Valor pago	
	Farinha	Feijão
Outubro de 1827	2 alqueires e ½ (4\$400)	14 alqueires e ¾ (13\$800)
Novembro de 1827	6 alqueires (8\$000)	11 alqueires (10\$120)
Dezembro de 1827	---	6 alqueires (5\$760)
Janeiro de 1828	---	6 alqueires e ¾ (8\$520)
Fevereiro de 1828	5 alqueires e ½ (6\$320)	7 alqueires e ¾ (7\$960)
Março de 1828	1 e ½ alqueire (1\$700)	12 alqueires e ¼ (12\$540)
Abril de 1828	4 alqueires e ¾ (8\$000)	7 alqueires (5\$920)
Mai de 1828	1 alqueire (1\$700)	7 alqueires (5\$400)
Junho de 1828	2 alqueires (3\$200)	6 alqueires e ½ (5\$080)
Julho de 1828	2 alqueires (3\$200)	3 alqueires (7\$200)
Agosto de 1828	2 alqueires e ¾ (3\$960)	7 alqueires e ½ (5\$680)
Setembro de 1828	2 alqueires (3\$200)	9 alqueires e ½ (6\$300)
Outubro de 1828	*	*
Novembro de 1828	2 alqueires (6\$080)	8 alqueires (7\$120)
Dezembro de 1828	2 alqueires (4\$720)	4 alqueires e ½ (3\$720)
Janeiro de 1829	1 alqueire e ½ (4\$080)	6 alqueires e ¼ (4\$960)
Fevereiro de 1829	1 alqueire e ¾ (3\$440)	6 alqueires (4\$800)
Março de 1829	2 alqueires (4\$200)	6 e ½ alqueires (5\$420)
Abril de 1829	1 alqueire e ½ (4\$000)	4 e ½ alqueires (3\$500)
Mai de 1829	2 alqueires (5\$120)	5 alqueires (3\$600)
Junho de 1829	2 alqueires (4\$640)	8 alqueires (5\$200)
Julho de 1829	2 alqueires (5\$760)	6 alqueires (4\$980)
Agosto de 1829	2 alqueires (4\$800)	7 alqueires e ¼ (6\$050)
Setembro de 1829	2 alqueires (5\$040)	7 alqueires (5\$040)
Outubro de 1829	2 alqueires (6\$080)	7 alqueires (5\$600)

* não consta registro

Na Província de São Paulo no século XIX, faziam parte do cotidiano três refeições ao dia. A primeira era chamada de “almoço” que acontecia entre “8 ou 9 horas da manhã”, correspondente ao nosso café da manhã. Em seguida, “seis horas depois do almoço, às 13 ou 14 horas”, saía o “jantar”, equivalente ao nosso almoço. Por último

acontecia o que denominavam “ceia”, correspondente ao nosso jantar (ALMEIDA, 1999, p. 25-29).

A mistura de feijão com farinha era costumeiramente consumida no almoço, momento das refeições mais simples ou “mais frugal”. A essa combinação poderiam acrescentar carne de porco e lingüiça: “O trivial do almoço serra-acima era, pois, o feijão com farinha. Juntava-se-lhe a carne de porco e até a lingüiça, enquanto havia no fumeiro” (ALMEIDA, 1999, p.25-26). No entanto, essa prática não era comum no cardápio do Seminário porque a compra de carnes de porco acontecia raramente, a não ser que criassem porcos no Seminário e, dessa maneira, os dados não fossem registrados.

**Tabela 2 – Consumo de Carne de Porco e Lombo
(Outubro de 1827 a Dezembro de 1829)**

Período	Quantidade de alimento consumido /Valor pago	
	Carne de porco	Lombo
Outubro de 1827	---	---
Novembro de 1827	---	---
Dezembro de 1827	---	---
Janeiro de 1828	---	13 lombos (2\$010)
Fevereiro de 1828	---	10 lombos (1\$700)
Março de 1828	---	---
Abril de 1828	---	12 lombos (não especifica)
Mai de 1828	---	8 lombos (1\$280)
Junho de 1828	---	5 lombos (\$920)
Julho de 1828	---	3 lombos (não especifica)
Agosto de 1828	4 pernas (\$720)	---
Setembro de 1828	---	---
Outubro de 1828	*	*
Novembro de 1828	---	---
Dezembro de 1828	---	---
Janeiro de 1829	---	4 lombos (\$700)
Fevereiro de 1829	---	---
Março de 1829	---	---
Abril de 1829	\$600	---
Mai de 1829	---	---
Junho de 1829	---	---
Julho de 1829	\$640	---
Agosto de 1829	---	---
Setembro de 1829	---	---
Outubro de 1829	---	---

*não consta registro

Como nos mostra Almeida (1999, p. 25), também na hora do almoço “tomava-se água com açúcar ou jacuba⁵⁸, água fria com farinha de milho e almoçava-se logo”. No Seminário, consta na *Conta de Receita e Despesa* da casa a compra de “biscoitos de trigo para os almoços”.

⁵⁸ Refresco preparado com água, farinha de mandioca e açúcar ou mel.

**Tabela 3 – Consumo de Biscoitos
(Outubro de 1827 a Dezembro de 1829)**

Período	Quantidade de alimento	
	consumido /Valor pago	
	Biscoitos	
Outubro de 1827	“Biscoitos de trigo” \$480	
Novembro de 1827	\$320	
Dezembro de 1827	\$320	
Janeiro de 1828	\$480	
Fevereiro de 1828	\$480	
Março de 1828	\$480	
Abril de 1828	\$560	
Maior de 1828	\$480	
Junho de 1828	---	
Julho de 1828	\$ 320	
Agosto de 1828	\$720	
Setembro de 1828	“biscoito para os almoços” 1\$430	
Outubro de 1828	*	
Novembro de 1828	---	
Dezembro de 1828	“biscoitos de trigo” \$320	
Janeiro de 1829	“biscoitos de trigo” \$480	
Fevereiro de 1829	Não especifica o valor	
Março de 1829	Não especifica o valor	
Abril de 1829	Não especifica o valor	
Maior de 1829	“biscoitos de trigo” \$240	
Junho de 1829	Não especifica o valor	
Julho de 1829	Não especifica o valor	
Agosto de 1829	---	
Setembro de 1829	---	
Outubro de 1829	Não especifica o valor	

* não consta registro

Para o jantar ficavam “os pratos mais trabalhosos”, como por exemplo “as carnes assadas ao forno”. No Seminário, consumiam-se carne de vaca, entrecosto, peixes e bacalhaus que serviam de acompanhamento ao feijão, preparado para ser comido nas três refeições⁵⁹. Diferente do almoço, “não precisava levantar às pressas da

⁵⁹ “O feijão ficava cozido desde o almoço, e temperava-se a devida quantidade para as três refeições” (ALMEIDA, 1999, p. 27).

mesa”, sendo possível, assim, apreciar com mais calma a diversidade de pratos durante o jantar (ALMEIDA, 1999, p. 27).

O mesmo ocorria aos “domingos e festas”, quando “então se soltava o demônio da gula e a dificuldade estava em escolher entre tantas carnes cozidas e assadas”. “Peixe fresco ou sardinha” e “cuscuze de carne” faziam parte do cardápio das festas comemorativas. Provavelmente era o que acontecia na *Festa de Santana*⁶⁰ que ocorreu no mês de julho de 1828 (ALMEIDA, 1999, p. 27).

A compra de peixes era freqüente em São Paulo no século XIX porque “peixes de água doce nunca faltavam, nem nas cidades e nas vilas, quanto mais nos sítios. Piratininga traz até o nome de tradição de pescador (...)”. O bacalhau também aparece na *Conta de Receita e Despesa* da instituição, talvez por influência portuguesa: “O bacalhau em barricas, já aparece em alguns inventários. Aliás, os portugueses é que aumentaram a sua pesca na América. Havia pescadores profissionais em Santos, São Paulo, Guaratinguetá etc” (ALMEIDA, 1999, p. 28). O entrecosto, “carreira de ossos atravessados, que saem dos espinhados das reses, carneiros e porcos” (MORAES E SILVA, 1858), também fazia parte da culinária do Seminário, apesar de ser comprado raramente.

⁶⁰ A única referência aparece na *Conta de receita e despesas do Seminário de Santana de outubro de 1827 a setembro de 1828 assinada pelo Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Vice Presidente da Província de São Paulo, 10 de novembro de 1828, 71-2-6-866*, quando o Seminário gastou 1\$600 réis em “Pólvora para a Festa de Santana” no mês de julho de 1828.

**Tabela 4 – Consumo de Peixes, Bacalhau e Entrecosto
(Outubro de 1827 a Dezembro de 1829)**

Período Mês/Ano	Quantidade de alimento consumido /Valor pago Peixes	Quantidade de alimento consumido /Valor pago Bacalhau	Quantidade de alimento consumido /Valor pago Entrecosto
Outubro de 1827	---	---	---
Novembro de 1827	---	---	---
Dezembro de 1827	---	---	1(\$180)
Janeiro de 1828	\$140	---	---
Fevereiro de 1828	1\$180	1 arroba (5\$120)	1(\$250)
Março de 1828	---	2 arrobas (8\$960)	---
Abril de 1828	---	8 medidas (1\$120)	1(não consta valor)
Maio de 1828	Não quantifica	8 medidas	---
Junho de 1828	2\$040	---	2 (\$480)
Julho de 1828	3\$660	---	1 (não consta valor)
Agosto de 1828	4\$760	---	---
Setembro de 1828	5\$920	---	---
Outubro de 1828	*	*	*
Novembro de 1828	½ arroba (2\$000)	---	---
Dezembro de 1828	---	4 libras (\$560)	---
Janeiro de 1829	---	---	---
Fevereiro de 1829	---	1 arroba (4\$800)	---
Março de 1829	2 G ^{dos} (7\$780)	---	3 (\$640)
Abril de 1829	2 arrobas (8\$040)	---	---
Maio de 1829	Peixes Frescos (4\$380)	---	---
Junho de 1829	Não quantifica	---	---
Julho de 1829	1 arroba (4\$000)	---	---
Agosto de 1829	1 arroba (4\$160)	---	---
Setembro de 1829	1 arroba e 10 medidas	---	---
Outubro de 1829	1 arroba e ½ (6\$120)	---	---

* Não consta nos registros

Durante o século XIX, acrescentava-se ainda à mistura de feijão com farinha a carne seca e o tocinho, como nos mostra Câmara Cascudo⁶¹. A carne de vaca poderia

⁶¹ Sobre esse assunto, Câmara Cascudo relata: “Em março de 1884, ainda a bordo, subindo o Rio Paraguai, Karl von den Stein, anotava: ‘Somos 24 passageiros de primeira classe . **A comida é muito boa. O prato predileto dos brasileiros é o famoso feijão-preto com carne-seca, tem ótimo sabor de comida preparada em casa.** (...) Luccock pormenoriza em 1818: O povo vive principalmente de carne de vaca, tocinho, feijão e outros vegetais. Possuem excelente pão de farinha de trigo, mas preferem-lhe a farinha de mandioca e guisados de milho” (CÂMARA CASCUDO, 2004, p.438- 444, grifo meu).

ser cozida em pedaços grandes ou pequenos e com legumes (ALMEIDA, 1999, p. 27)⁶². Esses dois ingredientes fizeram parte das listas de *Conta de Receitas e Despesas* do Seminário e eram comprados em arroba. A carne de vaca consumida, na verdade, era de boi porque “boi morto vira vaca” (ALMEIDA, 1999, p. 27)⁶³. No Seminário, esse mantimento era comprado *para todo o mês*. Não é possível afirmar com certeza se a carne adquirida era fresca ou seca, porque as informações detalhadas como “carne de vaca fresca” e “carne seca” constam somente em alguns meses. Mas, tudo indica que o corte de carne de vaca não poderia ser diário. Comprava-se, assim, “carne para todo mês”.

⁶² A carne de vaca era principalmente cozida em pedaços grandes ou em picadinho (tábua, faca e mão, antes da máquina de moer), só ou com outros legumes. E assada no espeto, tal qual a de porco, porém não se dizia churrasco (ALMEIDA, 1999, p.27).

⁶³ “Boi morto vira vaca. No século que estamos estudando a gente ia ao açougue e pedia simplesmente tantas libras de vaca, como vem escrito no borrador do padre Guilherme Pompeu de Almeida, falecido em Parnaíba e enterrado em São Paulo em 1713. Não era diária, mesmo na única cidade. Graças davam as vilas que podiam abater uma rês na sexta-feira para seu talho ou açougue de vaca, público, vender no sábado, **fazendo o resto de charque para a semana em curso**. Diziam também, é claro, carne de vaca” (ALMEIDA, 1999, p.27).

**Tabela 5 – Consumo de carne de vaca e toucinho
(Outubro de 1827 a Dezembro de 1829)**

Período Mês / ano	Quantidade de alimento consumido /Valor pago	
	Carne de vaca	Toucinho
Outubro de 1827	5 arrobas e 8 libras (4\$380)	6 arrobas e 5 libras (8\$835)
Novembro de 1827	“carne para todo o mês” 7 arrobas e meia (6\$600)	4 arrobas (5\$680)
Dezembro de 1827	“carne para todo o mês” 8 arrobas (7\$040)	---
Janeiro de 1828	“carne para todo o mês” 7 arrobas e 12 medidas (6\$490)	1 arroba e 9 medidas (2\$050)
Fevereiro de 1828	5 arrobas e 24 medidas (4\$660)	1 arroba e 9 medidas (2\$050)
Março de 1828	---	---
Abril de 1828	8 arrobas e 9 medidas (8\$140)	---
Mai de 1828	10 arrobas e 12 medidas (8\$800)	1 arroba e ½ (2\$400)
Junho de 1828	9 arrobas e 4 medidas (8\$020)	2 arrobas (5\$600)
Julho de 1828	8 arrobas e 8 medidas (9\$300)	2 arrobas e 18 medidas (6\$300)
Agosto de 1828	5 arrobas de carne de vaca fresca (6\$400) 2 arrobas e 28 medidas de carne seca (6\$960)	4 arrobas e 14 medidas (7\$530)
Setembro de 1828	11 arrobas (10\$560)	5 arrobas (10\$010)
Outubro de 1828	*	*
Novembro de 1828	15 arrobas e 13 medidas (15\$880)	5 arrobas e 13 medidas (9\$120)
Dezembro de 1828	4 arrobas e 24 libras (6\$080)	5 arrobas menos 2 medidas (8\$300)
Janeiro de 1829	7 arrobas e 28 libras (8\$440)	2 arrobas e 8 libras (4\$240)
Fevereiro de 1829	3 e ½ arrobas (4\$480)	½ {ilegível} (7\$060)
Março de 1829	4 arrobas de carne fresca (5\$760)	5 arrobas
Abril de 1829	8 arrobas de carne fresca (9\$520)	4 e ½ arroba (8\$420)
Mai de 1829	6 arrobas e 20 libras (6\$920)	4 arrobas e 28 libras (12\$270)
Junho de 1829	12 arrobas (13\$300)	4 arrobas e 8 libras (8\$900)
Julho de 1829	15 arrobas (17\$600)	4 arrobas e 6 medidas (9\$920)
Agosto de 1829	16 arrobas (18\$510)	4 arrobas (7\$920)
Setembro de 1829	14 arrobas (17\$920)	14 arrobas e 10 medidas (8\$080)
Outubro de 1829	15 arrobas (19\$200)	4 arrobas e 10 medidas (8\$440)

* Não consta nos registros.

Uma das formas usadas para conservar essa carne “comprada para todo o mês” era “mergulhá-la em banha”⁶⁴. De fato, a banha foi comprada pelo Seminário durante todos os meses do ano de 1828. Outra forma de conservação de carne de vaca,

⁶⁴ De fato, matava-se um porco no sítio e até nas vilas, derretia-se a banha dentro da qual se conservava tempo a carne, comia-se esta em abundância ainda fresca (...) (ALMEIDA, 1999, p.26).

como também outros tipos, era salgá-la e deixá-la exposta ao sol⁶⁵. Ainda que para Câmara Cascudo (2004, p. 475) na época o sal fosse raro⁶⁶, utilizado pelas classes mais ricas⁶⁷ e que não fosse hábito brasileiro⁶⁸, notamos que no Seminário fazia-se mais uso do sal porque as despesas eram menores. Ao acompanharmos a compra dos itens em maio de 1828, verificaremos que a instituição comprou 2 arrobas de banha por 4\$320 réis e 1 alqueire de sal por 1\$600 réis. Convertendo as medidas para quilogramas, constatamos que foram adquiridos 29,4 kg da primeira e 36,3 kg da outra. Isto quer dizer que, 1 quilo de banha comprada custou aproximadamente \$146 e 1 quilo de sal, por aproximadamente \$44.

⁶⁵ “(...) carne salgada e seca ao sol entre moscas de varejeiras e verde, dava uma paçoca no pilão que obrigava a tomar água pra valer, o resto do dia” (ALMEIDA, 1999, p. 27).

⁶⁶ **Os viajantes estrangeiros das primeiras décadas do século XIX, atestam a raridade do sal e mesmo o repúdio pela massa indígena das malocas. Ignorada a salmoura. Conservavam a carne deixando-a exposta no móquen ao calor do lume ou ação da fumaça** (CÂMARA CASCUDO, 2004, p.474, grifo meu).

⁶⁷ “O padre Fernão Cardim, falando de São Paulo em 1885, faz o reparo: *Quem tem sal é rico, porque criações não faltam*. John Luccock, em 1818, confirmava; *Por falta dele (sal) o gado de proveniência européia definha e morre (...)*” (CÂMARA CASCUDO, 2004, p.475).

⁶⁸ “Comia mais sal o português, o estrangeiro, que o brasileiro. Henry Koster conta um típico episódio, de 1810, numa hospedaria de Igarassu, Pernambuco: *Tenho tido várias ocasiões de demorar nesse hotelzinho. Numa vez pedi o sal, que não é posto usualmente na mesa. O dono da casa, com a habitual familiaridade de maneiras da região, expressou a surpresa pela quantidade adicional de sal que eu puser. Ficou intrigado mas nada disse. O fato se passara pela manhã, logo que tínhamos chegado, e pela tarde, ao jantar, para nosso desagrado, a sopa e demais pratos estavam saturados pelo tal ingrediente, permitindo apensa comer. Queixando-me ao patrão, esse respondeu – Cuidei que eram amigos de sal!*” (CÂMARA CASCUDO, 2004, p.475).

**Tabela 6 – Compra de banha e sal
(Outubro de 1827 a Dezembro de 1829)**

Período Mês / ano	Quantidade de alimento consumido/Valor pago Banha	Quantidade de alimento consumido/Valor pago Sal
Outubro de 1827	---	½ alqueire (1\$120)
Novembro de 1827	---	1 alqueire (2\$280)
Dezembro de 1827	8 medidas (\$640)	---
Janeiro de 1828	2 arrobas (3\$840)	1 alqueire (1\$680)
Fevereiro de 1828	2 arrobas (4\$160)	---
Março de 1828	3 arrobas e 24 medidas (8\$200)	1 alqueire (1\$600)
Abril de 1828	3 arrobas e 2 medidas (7\$160)	---
Mai de 1828	2 arrobas(4\$320)	1 alqueire (1\$600)
Junho de 1828	2 arrobas (4\$640)	---
Julho de 1828	2 arrobas e 18 medidas (5\$120)	1 alqueire (1\$560)
Agosto de 1828	1 arroba (2\$240)	---
Setembro de 1828	---	1 alqueire e quarta e meia (2\$440)
Outubro de 1828	*	*
Novembro de 1828	---	¾ alqueire (1\$320)
Dezembro de 1828	---	Quarta e meia (\$660)
Janeiro de 1829	---	5 quartas (1\$960)
Fevereiro de 1829	---	---
Março de 1829	8 medidas	---
Abril de 1829	---	½ alqueire (\$800)
Mai de 1829	---	1 alqueire e meia quarta (1\$580)
Junho de 1829	---	---
Julho de 1829	---	Uma quarta (\$400)
Agosto de 1829	---	½ alqueire e meia quarta (\$940)
Setembro de 1829	---	½ quarta (\$240)
Outubro de 1829	---	1 quarta (\$560)

* Não consta nos registros

O arroz também era consumido durante o jantar, “mas não todos os dias, porque dependia de socarem a respectiva quantidade no estimável pilão da cozinha”⁶⁹. Moraes e Silva (1858) explica *pilado* como “processado de pilar; arroz pilado, castanha pilada; descascado”. No Seminário de Santana o arroz era comprado *pilado* ou descascado, facilitando o consumo diário.

⁶⁹ “ (...)O arroz, mesmo não sendo diário, preferia-se ao jantar, porque dependia de socarem a respectiva quantidade no estimável pilão da cozinha, pau para toda obra. Guardava-se em casca, quase sempre” (ALMEIDA, 1999, p.27).

**Tabela 7 – Consumo de Arroz pilado
(Outubro de 1827 a Dezembro de 1829)**

Período Mês / Ano	Quantidade de alimento consumido/Valor pago Arroz pilado
Outubro de 1827	2 alqueires e ½ (5\$880)
Novembro de 1827	2 alqueires e ½ (4\$480)
Dezembro de 1827	2 alqueires (4\$400)
Janeiro de 1828	2 alqueires e ½ (5\$600)
Fevereiro de 1828	2 alqueires e ¼ (5\$040)
Março de 1828	3 alqueires (4\$040)
Abril de 1828	2 alqueires e ¼ (4\$440)
Mai de 1828	2 alqueires (3\$680)
Junho de 1828	1 alqueire (1\$900)
Julho de 1828	3 alqueires (5\$440)
Agosto de 1828	2 alqueires e ¾ (5\$120)
Setembro de 1828	2 alqueires e ¼ (5\$920)
Outubro de 1828	*
Novembro de 1828	2alqueires (3\$520)
Dezembro de 1828	1 alqueire e meia quarta (2\$000)
Janeiro de 1829	1 alqueire e 2 quartas e meia (2\$880)
Fevereiro de 1829	2 alqueire e ½ (4\$800)
Março de 1829	2 alqueires e 2/4 (5\$520)
Abril de 1829	2 alqueires e ½ (5\$030)
Mai de 1829	1 alqueire e ¼ (3\$480)
Junho de 1829	2 alqueires e ½ (4\$080)
Julho de 1829	2 alqueires (3\$840)
Agosto de 1829	2 alqueires (4\$320)
Setembro de 1829	2 alqueires (4\$480)
Outubro de 1829	2 alqueires (4\$480)

* Não consta nos Registros.

O milho também fazia parte da alimentação básica. Almeida cita em seu trabalho o governador Melo e Castro que , em 1800, relata que o milho, assim como o feijão e a carne de porco, fazia parte da alimentação básica dos povos da serra-acima. Ele era consumido como farinha e como canjica, como sob forma de “mingau”, “pamonha”, “curau”⁷⁰. Certamente, a farinha de milho fazia parte do cardápio do

⁷⁰ “O milho verde começava com a sopa, chamada mingau, e é milho ralado temperado na água e continuava simplesmente cozido ou assado na brasa, e como pamonha, cozida entre a massa com açúcar entre as folhas verdes das espigas, ou curau, a mesma massa com leite e apurada no tacho, sem água. O mingau de milho verde não dispensava a cambuquira e o limão galego”. (ALMEIDA, 1999, p. 26-27)

Seminário em 1827 como nos mostra Francisco de Assis Vieira Bueno, um dos alunos internos do Seminário de Santana: “ele afirma que a ceia era um prato de couve e ‘por cima, outro caldo da mesma, tudo com farinha de milho (...)’” (TORRES, 1970, p. 73).

**Tabela 8 – Consumo de Milho
(Outubro de 1827 a Dezembro de 1829)**

Período Mês/Ano	Quantidade de alimento consumido/Valor pago Milho
Outubro de 1827	5 alqueires (3\$680)
Novembro de 1827	6 alqueires e ½ (4\$000)
Dezembro de 1827	---
Janeiro de 1828	2 alqueires (1\$120)
Fevereiro de 1828	---
Março de 1828	3 alqueires (2\$320)
Abril de 1828	4 alqueires e ¼ (2\$740)
Mai de 1828	3 alqueires (1\$440)
Junho de 1828	5 alqueires (3\$620)
Julho de 1828	2 alqueires (\$900)
Agosto de 1828	5 alqueires e ½ (2\$010)
Setembro de 1828	5 alqueires (2\$000)
Outubro de 1828	*
Novembro de 1828	2 e ½ alqueires (1\$600)
Dezembro de 1828	5 alqueires e 14 medidas (2\$970)
Janeiro de 1829	8 alqueires e ½ (4\$960)
Fevereiro de 1829	5 e ½ alqueires (3\$520)
Março de 1829	3 e ¼ alqueires (2\$080)
Abril de 1829	4 alqueires (2\$120)
Mai de 1829	---
Junho de 1829	4 alqueires (2\$280)
Julho de 1829	5 e ¼ alqueires (2\$900)
Agosto de 1829	2 alqueires (1\$440)
Setembro de 1829	4 e ½ alqueires (2\$160)
Outubro de 1829	5 alqueires (3\$200)

*não consta registro

E o que diz a *Conta de Receita e Despesa* sobre o uso temperos na culinária do Seminário? Indica que aos pratos preparados no Seminário acrescentavam-se os seguintes condimentos: a cebola, o alho e o vinagre. A pimenta raramente aparece. É de

se estranhar porque “o condimento incomparável para o brasileiro é a pimenta, a *pimentinha*, companheira sem rival, transformando o peixe cozido em obra-prima, ressaltando os valores sápidos de todas as iguarias, aceleradora digestiva, masculinizando o sabor. *A malagueta esmagada simplesmente no vinagre, é o prato permanente e de rigor para o brasileiro de todas as classes*, escrevia Debret, entre 1816 e 1831” (Câmara Cascudo, 2004, p.478). No entanto, é preciso lembrar pudessem cultivá-la no próprio Seminário.

**Tabela 9 – Uso de condimentos
(Outubro de 1827 a Dezembro de 1829)**

Período Mês/Ano	Quantidade de alimento consumido/Valor pago Condimentos
Outubro de 1827	Alho (\$320)
Novembro de 1827	Alho (\$100)
Dezembro de 1827	Cebola e alho (\$320)
Janeiro de 1828	Cebola (\$280)
Fevereiro de 1828	---
Março de 1828	Cebola (\$520)
Abril de 1828	Cebola e alho (\$800)
Maio de 1828	---
Junho de 1828	Cebola (\$360)
Julho de 1828	Cebola (\$160)
Agosto de 1828	Alho (\$140)
Setembro de 1828	Alho (\$140)
Outubro de 1828	*
Novembro de 1828	---
Dezembro de 1828	Alho (\$800)
Janeiro de 1829	---
Fevereiro de 1829	---
Março de 1829	Vinagre (não consta valor)
Abril de 1829	Alho (não consta valor)
Maio de 1829	1 garrafa de vinagre (\$140)
Junho de 1829	---
Julho de 1829	---
Agosto de 1829	---
Setembro de 1829	Cebola (não consta valor)
Outubro de 1829	Cebola (não consta valor)

* Não consta nos Registros

Aproveitando os dados, como quantidade e preço de alimentos comprados, das tabelas até aqui estudadas é possível se inferir aproximadamente a quantidade de alimento consumido por pessoa e o custo por pessoa em alimentação gasto pelo Seminário. Em setembro de 1828 o Seminário de Santana acolheu “18 meninos pobres, dois irmãos zeladores, dois escravos, um servente, 6 meninos pensionistas e o Mestre”, sendo, portanto, 30 pessoas que “comem e vestem e calçam a custa da Casa”⁷¹.

Nessa mesma data fez parte da alimentação básica do mês: 72,6 kg de feijão por 3\$200 réis, 344,85 kg de farinha por 6\$300 réis, 161,7 kg de carne de vaca por 10\$560 réis, aproximadamente 73,5 kg de toucinho, 81,67 kg de arroz por 5\$920 réis e 181,5 kg de milho por 2\$000 réis⁷². Distribuindo tais quantidades para cada dia do mês tornando a dividir o resultado pelo número de pessoas que a casa acolhia, constatamos que no almoço cada pessoa consumia em média 123g de farinha com 26 g de feijão. No jantar e na ceia, juntava-se a essa mistura em média 90g de carne de vaca, 40 g de toucinho, 45g de arroz e 100g de milho. Desse modo, os gastos com alimentação por pessoa era de aproximadamente de \$42 réis por dia ou 1\$260 mensais⁷³.

Entre o almoço e o jantar aconteciam as merendas: “merendava-se uma ou duas vezes respectivamente entre o almoço e o jantar e entre o jantar e a ceia”. Almeida (1999, p.29) sugere o consumo de “leite com farinha” e “canjicas”. Mas, lembremos

⁷¹ Conta de receita e despesas do Seminário de Santana de outubro de 1827 a setembro de 1828 assinada pelo Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Vice Presidente da Província de São Paulo, 10 de novembro de 1828, 71-2-6-866.

⁷² Ou 2 alqueires de feijão, 9 alqueires e meio de farinha, 11 arrobas de carne de vaca, aproximadamente 5 arrobas de toucinho, 2 alqueires e uma quarta de arroz e 5 alqueires de milho. In: Conta de receita e despesas do Seminário de Santana de outubro de 1827 a setembro de 1828 assinada pelo Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Vice Presidente da Província de São Paulo, 10 de novembro de 1828, 71-2-6-866.

⁷³ “ (...)L. Algranti (1993, p. 176) oferece dados para uma comparação com o despendido no Recolhimento da Misericórdia, no Rio de Janeiro, onde em 1815 uma órfã custava em média \$135 réis por dia em alimentos - e sua escrava \$025 - o que dava 4\$050 por mês e 48\$600 réis por ano” (HILSDORF, 2004, p. 229).

que o leite era pouco consumido pelo sitiante pobre⁷⁴ e as *Contas de Receita e Despesa* da casa não mostram compra de leite, a não ser que o leite fosse retirado da vaca, comprada pelo Seminário em agosto de 1828 por 8\$320 réis.

Pensamos, então, que seria mais provável o consumo de “frutas” nesses intervalos. Consumia-se melancia, bananas e laranjas, apesar dos poucos registros de compra de frutas. No ano de 1828, elas só aparecem nos meses janeiro, fevereiro, agosto e setembro. É possível que a colheita desses frutos fosse feita na Fazenda de Santana, mas até o momento não encontramos informações sobre o assunto. A banana poderia ser “cozida ou frita”, ou como sobremesa, banana com açúcar e canela. Sobremesas doces eram consumidas na hora do jantar⁷⁵. E no Seminário talvez fosse possível o preparo delas pois a *Conta de Receita e Despesa* indica compra de açúcar em todos os meses. Como nos lembra Almeida⁷⁶, também nas horas das merendas poderiam consumir café e chá. No Seminário de Santana consumia-se café e chá mate⁷⁷.

⁷⁴ “Mas o paulista urbano e o sitiante pobre pouco consumiam leite” (ALMEIDA, 1999, p. 27).

⁷⁵ “Pelo que sabemos de costumes que se preservam até hoje as sobremesas doces reservavam-se para o jantar” (idem).

⁷⁶ “Merenda – (...) Antes da era do café havia a congonha e fazia-se chá com um pouco de tudo” (ALMEIDA, 1999, p. 29).

⁷⁷ Ver em anexo Tabela *Consumo de Café e Mate* na página 85.

**Tabela 10 – Consumo de Açúcar
(Outubro de 1827 a Dezembro de 1829)**

Período Mês/Ano	Quantidade de alimento consumido/Valor pago Açúcar
Outubro de 1827	6 libras de açúcar branco(\$360)
Novembro de 1827	½ arroba (\$720)
Dezembro de 1827	½ arroba (\$880)
Janeiro de 1828	8 medidas (\$480)
Fevereiro de 1828	24 medidas (1\$360)
Março de 1828	24 medidas (1\$540)
Abril de 1828	24 medidas (1\$680)
Mai de 1828	½ arroba (\$960)
Junho de 1828	½ arroba (1\$120)
Julho de 1828	2 arrobas e 24 medidas(4\$400)
Agosto de 1828	½ arroba (\$960)
Setembro de 1828	1 arroba e 8 medidas (2\$160)
Outubro de 1828	*
Novembro de 1828	½ arroba (\$980)
Dezembro de 1828	½ arroba e 6 libras (1\$260)
Janeiro de 1829	6 libras (\$420)
Fevereiro de 1829	Não quantifica
Março de 1829	3 medidas (não contém valor)
Abril de 1829	18 medidas (não contém valor)
Mai de 1829	4 libras (\$320)
Junho de 1829	11 libras (não contém valor)
Julho de 1829	Não quantifica
Agosto de 1829	8 medidas(não contém valor)
Setembro de 1829	9 medidas(não contém valor)
Outubro de 1829	10 medidas(não contém valor)

*Não consta registro.

2.2) A mesa, as roupas e as noites no Seminário

Pensemos então como os meninos do Seminário se portavam à mesa durante as refeições. O registro de *Conta de Receita e Despesa* da casa indica que em maio de 1828 o Seminário comprou “12 pares de talheres de ferro” por 1\$200 e “28 pratos para o refeitório” por 2\$320 em janeiro de 1829. Mas será que faziam o uso dos talheres e pratos para as refeições? Os meninos já estavam habituados ao manejo de facas e colheres? No início do século XIX na Bahia, em um jantar de cerimônia, o manejo de garfos e facas ainda não era hábito (LINDLEY *apud* Alcântara Machado, 1980, p. 84):

“Querem saber o modo por que, a esse tempo, em 1802 se portavam à mesa os nossos avós? Lindley nos informa o que viu na Bahia em um jantar de cerimônia, que lhe ofereceu o comandante do Forte do Mar. Os convivas, todos de boas maneiras e bem trajados, começaram por utilizar-se das facas e dos garfos. Mas o manejo complicado desses utensílios os embaraçava. E logo voltaram ao processo que estavam habituados: tomavam um pedaço de carne, punham-no na palma da mão, acrescentavam-lhe verdura e farinha, temperavam tudo com um pouco de molho, de azeite ou de sopa, e com isso formavam um bolo que levavam à boca”.

Outros utensílios vão aparecendo na *Conta de Receita e Despesa* da casa. Em maio de 1828 foram comprados “20 balaios de mesa para o refeitório”. Moraes e Silva (1858) define “balaio” como “cesta de palhinha de que usam as saloias⁷⁸”. Uma escumadeira é comprada em agosto de 1828. Na documentação consultada, consta compra de “louças” em todo os meses, porém não existe um detalhamento dos itens comprados, prejudicando a análise.

E o que a documentação diz sobre as roupas dos meninos no Seminário de Santana? Provavelmente, andavam de camisas e calças⁷⁹. A *Conta de Receita e Despesa* nos diz que se mandavam fazer feitos delas. O feito de 1 camisa custava por volta de \$100 a \$200 réis. As camisas eram feitas de pano de algodão americano⁸⁰ que foi comprado em três meses. Em novembro de 1827, o Seminário adquiriu 4 varas de algodão americano, ou 4,40 metros, que custou à instituição 1\$280 réis⁸¹. A mesma medida de pano de algodão americano foi compradas em abril de 1829, por 1\$160 réis,

⁷⁸ Saloia: agricultor que vende frutos e pão à cidade (MORAES E SILVA, 1858).

⁷⁹ Moraes e Silva (1858) define calça como nos dias de hoje: “calça é peça do vestuário que se ajusta ao corpo, chamando-se *calça* por se vestir pelos pés”. Mas havia também a *meia-calça* que o autor define como “é o que hoje se chama meia por cobrir só meia perna”.

⁸⁰ Sabemos que se confeccionavam camisas com varas de pano algodão americano porque na *Conta de Receita e Despesa* consta o seguinte registro em abril de 1829 “4 varas de pano de algodão para *camisas dos meninos*”.

⁸¹ Vara: medida antiga de comprimento, equivalente a 1,10 metros.

e em agosto de 1829, por 1\$620 réis. Portanto, 1 metro de algodão americano custou em média \$290 réis para o Seminário de Santana.

Com outros panos também se confeccionavam camisas para os meninos do Seminário. Em fevereiro de 1828, o Seminário comprava “8 covados de chita”, ou 5,28 metros por 2\$080 réis⁸². Portanto, 1 metro desse tecido custava em média \$393 réis, um pouco mais caro do que o pano de algodão americano. Em novembro do mesmo ano, o Seminário adquiriu um outro tipo de tecido: “97 covados de ganga inglesa”, ou 64 metros, com o custo de 34\$320⁸³. Dessa forma, 1 metro desse tecido saía por 545 réis. Em julho de 1829, o Seminário comprava 3 covados de sarja (quase dois metros de tecido)⁸⁴ e a mesma quantidade de pano de Holanda⁸⁵. Como Moraes e Silva (1858) descreve os tecidos como sendo panos leves, de algodão, seda ou linho, acreditamos que as camisas dos meninos do Seminário eram confeccionadas por esses tecidos. De outubro de 1827 a outubro de 1829 mandou-se confeccionar 37 camisas.

Além de camisas, o Seminário também mandava fazer “feitio de jaquetas”. Moraes e Silva (1858) descreve “jaqueta” como “veste curta de mangas” especialmente confeccionadas para as crianças. Em dezembro de 1828, o Seminário mandava fazer 19 jaquetas a 400 réis cada uma.

Os panos de algodão também serviam para a confecção de lençóis para as camas, cujos colchões eram recheados por capins. Moraes e Silva (1858) define colchão como espécie de saco cheio de palha, lã ou pena onde se estendem [estendiam] os lençóis de cama. No Seminário, em abril de 1829, houve compra de “capim para

⁸² Chita: tecido de algodão, estampado a cores.

⁸³ Ganga: tecido de algodão louro, azul ou preto que se traz da Ásia (MORAES E SILVA, 1858).

⁸⁴ Sarja: tecido leve de seda ou lã, como uma espécie de trançado (MORAES E SILVA, 1858).

Covado: antiga medida de comprimento que tinha 3 palmos e corresponde a 0,66 metros.

⁸⁵ Holanda: lençaria (toda a sorte de telas, ou panos de linho, ou de algodão) fina e preciosa fabricada em Holanda (MORAES E SILVA, 1858).

colchão” sem quantidade e valor definido e feito de lençóis para as camas e em julho de 1829, houve feito de 11 lençóis e 10 fronhas.

As calças dos meninos eram feitas de varas de brim, porque em maio de 1829 comprava-se “2 varas de brim trançado *para calças*”, ou 2,75 metros, por 2\$800 réis. Isto quer dizer que 1 metro de vara de brim custava em média 1\$018 réis. Faziam calças com varas de riscado⁸⁶ (em fevereiro de 1828 o Seminário adquiriu “6 varas de riscado *para calça*, ou 6,60 metros, por 1\$920 réis) e com “varas de picote *para calça*”⁸⁷ (em junho de 1829, o Seminário comprou “1 vara de picote *para calças*”, aproximadamente 1,10 metro, por 1\$080 réis).

Algumas calças eram forradas⁸⁸. Em dezembro de 1828, o Seminário comprava “forro *para calça*”. A *Conta de Receita e Despesa* da casa ainda nos mostra a compra de “marcas”, que Moraes e Silva (1858) descreve como “rodelinha de pau ou osso que se forra de pano ou seda para formar o botão do vestido”. O preço do feito de uma calça saía em média \$240 réis. De outubro de 1827 a outubro de 1829, mandou-se confeccionar 42 calças.

Mais dispendioso era o feito de sapatos. Os preços de par de sapatos variavam entre \$560 a 1\$400 réis. De outubro de 1827 a outubro de 1829 foram feitos 47 pares de sapatos.

⁸⁶ Varas de riscado: Tecido com risca de cores diversas ao longo, ou fios metálicos (MORAES E SILVA, 1858).

⁸⁷ Picote para calça: pano grosseiro, basto e áspero, de que vestem os rústicos (camponeses) (MORAES E SILVA, 1858).

⁸⁸ Forro para calça: o pano, droga, seda, com que se reveste interiormente a peça do vestido, o forro do sapato, do chapéu por dentro, ou fora da copa, de pelica ou linho, etc (MORAES E SILVA, 1858).

Tabela 11 – Quantidade de calçado comprado/ Valor Pago (Outubro de 1827 a Dezembro de 1829)

Período Mês/Ano	Quantidade de calçado comprado/Valor pago
Outubro de 1827	2 pares de sapato a 720 réis (1\$440)
Novembro de 1827	1 par de sapato (1\$000)
Dezembro de 1827	4 pares de sapato a 1000 réis (4\$000)
Janeiro de 1828	1 par de sapato (\$560) 1 par de sapato (1\$120)
Fevereiro de 1828	6 pares de sapato a \$827 réis (4\$960)
Março de 1828	1 par de sapato (\$960)
Abril de 1828	1 par de sapato (\$640)
Mai de 1828	3 pares de sapato a 747 réis (2\$240)
Junho de 1828	6 pares de sapato a \$636 réis (3\$820)
Julho de 1828	1 par de sapato (\$560)
Agosto de 1828	1 par de sapato (1\$120)
Setembro de 1828	1 par de sapato (1\$120)
Outubro de 1828	*
Novembro de 1828	2 pares de sapato a \$800 réis (1\$600)
Dezembro de 1828	3 pares de sapato a \$934 réis (2\$800)
Janeiro de 1829	2 pares de sapato a 1\$060 réis (2\$120)
Fevereiro de 1829	Não há compra do item
Março de 1829	1 par de sapato (1\$120)
Abril de 1829	Não há compra do item
Mai de 182	Não há compra do item
Junho de 1829	1 par de sapato (1\$440)
Julho de 1829	8 pares de sapato a \$840 réis (6\$720)
Agosto de 1829	Não houve compra do item
Setembro de 1829	1 par de sapato (1\$120)
Outubro de 1829	Não houve compra do item

* Não há registro

Por fim, resta-nos compreender como era o cotidiano das noites no Seminário. Imaginemos a Casa iluminada pelas velas de sebo, “que cheiravam mal”⁸⁹, algumas produzidas no próprio Seminário, como ocorreu em fevereiro de 1828, quando comprou-se “26 medidas de sebo para fazer velas” por 2\$860. O sebo então era colocado nas formas para moldá-lo. Em dezembro de 1828 o Seminário solicitou o

⁸⁹ “Em 1840, o governo da Província de São Paulo determinou a instalação de 101 lampiões de azeite de peixe, mamona ou baleia. Nas casas mais pobres eram usadas **velas de sebo que cheiravam mal**” (SILVA, 2002, p. 16, grifo meu).

“feito de 16 formas de fazer velas por \$800”. Mas, na maioria das vezes, foram compradas já prontas: em dezembro de 1828, um maço de velas saía por \$320.

Outra forma de iluminação muito usada no Seminário era obtida através de azeite de mamona nos lampiões. Compravam-se medidas de azeite todos os meses – em dezembro de 1828, 3 e ½ medidas de azeite custava 1\$690 réis. Em maio de 1829, “1 vidro de azeite na lâmpada” saía \$480 réis.

**Tabela 12 – Formas de Iluminação
(Outubro de 1827 a Dezembro de 1829)**

Período Mês/Ano	Formas de iluminação
Outubro de 1827	Velas de sebo (\$800) 2 medidas e meia de azeite (1\$200)
Novembro de 1827	Velas de sebo (\$640) 3 medidas de azeite (1\$440)
Dezembro de 1827	2 medidas de azeite (\$960) Velas de sebo (\$320)
Janeiro de 1828	Velas de sebo (\$480) 3 e ½ medida de azeite (1\$880)
Fevereiro de 1828	Velas de sebo (\$480) 26 medidas de sebo para fazer velas (2\$860) 2 medidas de azeite (1\$120)
Março de 1828	2 medidas de azeite (1\$120)
Abril de 1828	4 medidas de azeite (2\$240)
Mai de 1828	2 medidas de azeite (1\$120)
Junho de 1828	19 medidas de sebo para fazer velas (1\$900) 4 medidas de azeite (2\$180)
Julho de 1828	4 medidas de azeite (2\$240)
Agosto de 1828	4 medidas de azeite (2\$240) Conserto de um lampião (\$160)
Setembro de 1828	3 medidas de azeite (1\$680)
Outubro de 1828	*
Novembro de 1828	Velas (\$360) 3 medidas de azeite (1\$680)
Dezembro de 1828	3 e ½ medidas de azeite (1\$690) 1 maço de velas (\$320) Feitio de 16 formas de fazer vela (\$800)
Janeiro de 1829	2 medidas de azeite (1\$120)
Fevereiro de 1829	2 medidas de azeite (1\$120)
Março de 1829	3 medidas de azeite (1\$120) 1 garrafa de azeite doce (\$600)
Abril de 1829	3 medidas de azeite (não contém valor)
Mai de 1829	3 medidas de azeite de mamona (1\$680) 1 vidro de por azeite na lâmpada (\$480)
Junho de 1829	Velas (não especifica o valor) 4 medidas de azeite (2\$140)
Julho de 1829	Velas e azeite (2\$040)
Agosto de 1829	3 medidas de azeite e velas (2\$000)
Setembro de 1829	2 medidas de azeite e velas (1\$800)
Outubro de 1829	2 medidas de azeite e velas (2\$080)

* Não há registro

À luz das velas e do azeite acontecia a ceia que “era a repetição do jantar”. Depois da ceia, “a conversa ao pé do fogo, regada a café” (ALMEIDA, 1999, p. 29). A *Conta de Receita e Despesa* da Casa ao revelar “conserto de uma chocolateira” em fevereiro de 1829 por \$300 réis nos sugere o consumo de chocolate no Seminário de Santana, talvez “usado nas noites de inverno”⁹⁰ ou como dieta especial para os doentes, como ocorria no Seminário da Glória⁹¹.

Depois disso, deitavam-se bem cedo, “às 8 horas da noite”. Os meninos se preparavam, então, para lavar seus pés nas gamelas ⁹²– uma grande, comprada em março de 1828 por 1\$600 e duas outras gamelas adquiridas por \$480 em fevereiro de 1829 – com “sabão para lavar”, que não sabemos se era utilizado somente para higiene pessoal ou para lavar roupa. Aliás, gastava-se pouco com a compra de sabão e gastos com produtos de higiene eram escassos: só em dezembro de 1828 o Seminário comprou pentes finos. Teria sofrido uma epidemia de piolhos?

A seguir, no capítulo 3, trataremos de temas relacionados à educação no Seminário de Santana.

⁹⁰ “O chocolate também se usava à noite, no inverno” (ALMEIDA, 1999, p. 29).

⁹¹ “Os doentes (do Seminário da Glória) tinham uma dieta especial: **chocolate**, [a]letria, cevadinha, marmelada e tapioca” (HILSDORF, 2004, p. 241, grifo meu).

⁹² Conta de receita e despesas do Seminário de Santana de outubro de 1827 a setembro de 1828 assinada pelo Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Vice Presidente da Província de São Paulo, 10 de novembro de 1828, 71-2-6-866 e Conta de receita e despesas do Seminário de Santana de novembro de 1828 a outubro de 1829 assinada pelo Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Presidente da Província de São Paulo, 9 de dezembro de 1829, 71-3-79-866.

Capítulo 3

O professor, os alunos e o ensino mútuo

Neste capítulo mostraremos como o ensino mútuo aparece no Seminário de Santana. E, para compreendê-lo, na primeira parte do capítulo, voltaremos à sua origem: os responsáveis pela criação do método, seu objetivo, as vantagens que trazia, os materiais escolares que eram utilizados, o papel do Professor e do Monitor. Além disso, discorreremos sobre o momento em que o método chegou ao Brasil, destacando algumas leis que determinavam sua utilização e mostrando os envolvidos com a formação dos professores de ensino mútuo e com a propagação do método no país.

Essas informações serão importantes para compreendermos a prática escolar do Seminário. Assim, na segunda parte do capítulo revelaremos quem era o Professor responsável pelo ensino de primeiras letras e discorreremos sobre o Monitor designado para auxiliá-lo. Também trataremos do ensino da leitura, da escrita, dos princípios da moral cristã e de doutrina de religião católica apostólica romana e das quatro operações aritméticas que aparecem na documentação consultada. Além disso, destacaremos os materiais escolares utilizados pelo Mestre, trazendo as quantidades e os preços deles, e a dificuldade para adquiri-los.

Concomitantemente, traçaremos o perfil dos alunos, determinantes na entrada na instituição, e o número de alunos acolhidos por ela. Iluminaremos alguns episódios envolvendo a dificuldade de alunos entrarem ou saírem da instituição. Faremos referência, ainda que seja breve, a alguns meninos que conseguimos localizar, como os dois alunos pensionistas, filhos de D. Anna Gonzaga, o aluno Francisco, talvez filho de Agostinho Valente, que foi abrigado por mais tempo na instituição, e Francisco de Assis Vieira Bueno que mais tarde exerceu cargos importantes, como, por exemplo,

Presidente do Banco do Brasil. Por fim, trataremos da saída do Professor de primeiras letras do Seminário, que deixou a instituição para lecionar na escola de Santa Ifigênia.

* * *

1)Compreendendo o ensino mútuo

O método de ensino mútuo teve suas origens relacionadas a duas pessoas: A. Bell (1753-1832) e Lancaster (1778-1838), que praticaram o mesmo método num período próximo. A. Bell aplicou os princípios do método num orfanato das Índias Inglesas, em Madras, no período entre 1787 a 1794. Como não podia contar com o auxílio de outros mestres, teve a idéia de utilizar os melhores alunos para transmitir aos demais os conhecimentos aprendidos com o professor. Com isso, conseguiu instruir quase duzentos alunos. Já Lancaster praticou o método, em 1798, numa escola de crianças pobres em Londres. Como tinha que instruir gratuitamente grande número de alunos sem utilizar muitos professores, dividiu a escola em classes, colocando em cada classe um aluno monitor, com conhecimento superior ao dos outros e sob supervisão do professor. (BASTOS, 1999, p. 96).

Como podemos perceber, a idéia do ensino mútuo era ensinar a uma grande quantidade de alunos, algumas centenas, com o auxílio de um monitor que era escolhido pelo professor pelos seus bons resultados. Os alunos eram enfileirados em várias classes e agrupados pelo nível de conhecimento semelhante. Reuniam-se num amplo local, dominado pela mesa do professor que ficava sobre um estrado. O trabalho em cada classe era, então, dividido entre um aluno e professor, mas era o monitor quem tinha o controle da classe, ficando o mestre com pouco contato direto com os alunos (BASTOS, 1999, p. 98).

Cabia ao professor conduzir e avaliar corretamente as centenas de alunos. Para isso, emitia ordens precisas e de fácil compreensão, através de sineta, apito ou de um bastão. Era também responsável pelo controle do movimento dos alunos: a entrada, a saída, a instalação nos bancos, as mudanças de exercício. Controlava e regularizava o trabalho dos monitores (BASTOS, 1999, p. 98).

O método mútuo trouxe algumas vantagens: permitiu que um professor ensinasse em pouco tempo a um grande número de alunos, contando com auxílios dos monitores. Desse modo, o método que, não exigia investimentos radicais na formação do corpo professoral, mantinha seus alunos disciplinados, habituados à ordem e à regra. Para alcançar tal objetivo, não utilizavam a coerção física, faziam uso de um sistema de punições e prêmios simbólicos, decididos entre si pelos alunos (BASTOS, 1999, p. 102 e HILSDORF, 1999, p.198).

Entretanto, se não haviam gastos com a formação dos mestres, o método exigia razoável investimento para a compra de materiais escolares: sala de aula de grandes dimensões, quadros murais, sólidos para geometria, bancos e mesas para todos os alunos, ponteiro e estrado para monitores, campainhas, matracas para os sinais sonoros, caixas de areia para o treino da escrita, ardósias e quadro negro. Fazia-se uso ainda de quadros e tabelas ilustradas, silabários, quadros de leitura e cálculo e quadro negro (HILSDORF, 1999, p. 198 e BASTOS, 1999, p. 101).

No Brasil, é a partir de 1820 que, de forma oficial, o ensino mútuo começaria gradativamente ser implantado. No Rio de Janeiro, por exemplo, a Escola de Ensino Mútuo da Cidade ficou, em 24 de julho de 1822, a cargo da Repartição dos Negócios da Guerra pela decisão n. 23 do Reino (BASTOS, 1999, p. 109).

Mas é no ano de 1825 que surgiriam novas leis visando à implantação do método mútuo ou lancasteriano em escolas públicas de primeiras letras nas diversas províncias do Império. A decisão n. 182, de 22 de agosto de 1825, “manda promover nas Províncias a instrução e o estabelecimento de escolas pelo método”. E a decisão n. 232, de 8 de outubro de 1825, criou escolas na capital, na cidade de Santos e na Província de São Paulo (BASTOS, 1999, p. 113).

Mas uma lei específica e mais direcionada para adoção do ensino mútuo no Império do Brasil foi decretada em 15 de outubro de 1827, aliás a primeira lei sobre instrução pública nacional do Império. É a partir dela que o ensino mútuo ficava determinado oficialmente como o método pedagógico a ser adotado em todas as escolas de primeiras letras no país: nas “capitais das províncias”, “cidades”, “vilas” e “lugares populosos” (BASTOS, 1999, p.115):

“As escolas serão de Ensino Mútuo nas capitais das províncias; e serão também nas cidades, vilas e lugares populosos delas em que for possível estabelecerem-se. Para as escolas de ensino mútuo se aplicarão os edifícios, que houverem com suficiências nos lugares delas, arranjando-se com os utensílios necessários à custa da Fazenda Pública. Os professores que não tiverem a necessária instrução deste Ensino, irão instruir-se a curto prazo e à custa do seu ordenado nas escolas das capitais. Os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações aritméticas, prática de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática da língua nacional, os princípios de moral cristã e de doutrina da religião católica e apostólica romana, proporcionadas à compreensão dos meninos; preferindo para o ensino da leitura a Constituição do Império e História do Brasil (...) Os castigos serão aplicados pelo método Lancaster” (MOACYR, 1936).

Não temos informações precisas sobre a entrada oficial do Ensino Mútuo na Província de São Paulo. De acordo com Hilsdorf (1999, p. 208), “o método de ensino

veio para São Paulo antes mesmo da lei de 1827, por intermédio de prática de escolas militares”. Nesse sentido, Damasceno de Góis lecionou desde fins de 1824 na escola de primeiras letras de meninos da Vila e deixou as aulas depois de um ano de atividades por ter sido promovido a cargo no Exército.

De fato, a prática de criações de escolas de primeiras letras, baseadas no método do ensino mútuo, para a instrução de corporações militares ocorria no Rio de Janeiro no início dos anos 1820. A decisão n. 143 da Secretaria dos Negócios de Guerra, de 25 de novembro de 1822 determinava a criação de uma escola de primeiras letras aos operários dentro do Arsenal do Exército. Além dessa decisão, o decreto de 1º de março de 1823, “cria uma escola de primeiras letras, pelo método de ensino mútuo, para a instrução de corporações militares” (BASTOS, 1999, p. 109).

Além de criações de escolas de primeiras letras baseadas no método mútuo, o Exército esteve também envolvido com a difusão do método pelas Províncias do Império. A decisão n. 69 da Guerra “manda tirar dos corpos de linha das Províncias um ou dois indivíduos para freqüentarem nesta Corte as escolas de ensino pelo método Lancaster”. Eles seguiriam as lições da escola a fim de aprender o método para, em seguida, propagá-lo na província de origem. Uma outra ordem ministerial de 22 de agosto de 1825 insistiu na necessidade de difundir o ensino mútuo (ALMEIDA, 1985, *apud* BASTOS, 1999, p. 110).

De acordo com Bastos (1999, p.110), os militares atuaram freqüentemente como lentes nas escolas /aulas de primeiras letras pelo método lancasteriano. Essa experiência, segundo ela, evidencia uma aproximação entre a disciplina e a ordem exigida pelo método nas duas instituições – militar e escolar.

2) O ensino mútuo, os meninos, o professor e o regente

Sabemos que no Seminário de Santana o militar João Francisco dos Santos, fluminense natural de Itaguaí, e que atuava como professor em Santos, ofereceu-se e logo foi removido para reger a cadeira de Santana. (BUENO, 1976, p. 15 e HILSDORF, 1999, p. 209). Ele ficou, então, responsável por ministrar aulas de primeiras letras pelo método de ensino mútuo.

Na documentação estudada não foi possível investigar as dimensões da sala de aula em que o professor atuou e nem os materiais que a ela pertenciam, como vimos no início do capítulo: estrado para o professor, quadros murais, campainhas para os sinais sonoros, quadros negros, tabelas ilustradas, silabários, quadros de leitura e cálculo e ardósia. Dos materiais citados, somente os bancos, um dos suportes materiais específicos do método lancasteriano, aparecem no Seminário. No ofício de 11 de junho de 1829, o diretor Manoel Francisco de Andrade solicitava ao Vice Presidente da Província de São Paulo *seis bancos* para acomodar os alunos, pois na sala só haviam quatro e eram precisos mais deles porque aumentava o número de meninos na Casa, uma vez que as crianças da vizinhança se dirigiam à instituição apenas para assistir aulas:

“ Em virtude do ofício que tive do Mestre deste Seminário de Santana no qual pede aumento da aula, visto terem aumentado o número de meninos da Casa (...), existem nove que vem tão somente se aproveitarem da lição; na aula presente tem quatro bancos, o mestre requer seis. Na sala onde está não admite mais um”⁹³.

⁹³ Ofício do Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Vice Presidente da Província , 11 de junho de 1829, 71-3-93-866.

Não sabemos se foi constante a permanência desses alunos vizinhos no Seminário e se alteravam radicalmente o número de alunos na instituição. Entretanto, sabemos que o número de meninos acolhidos oficialmente pela Casa não ultrapassou a vinte e cinco. Em 9 de agosto de 1828, a instituição acolhia 17 numeristas e 7 pensionistas⁹⁴. A partir de 1831, o número de alunos é menor. Em 21 de maio desse ano havia no Seminário “2 pensionistas e 7 a educar-se por conta da Nação”⁹⁵. Em 5 de setembro de 1831, o número de alunos chegou a 11, sendo dois destes pensionistas⁹⁶. Isto quer dizer que o número de alunos acolhidos no Seminário era pequeno, se compararmos com as centenas de alunos a quem Lancaster ou Bell aplicavam o método.

Os alunos admitidos no Seminário eram, então, pobres, órfãos ou pensionistas. Caso fossem pobres ou órfãos, bastava os pais requererem a entrada de seus filhos na instituição. Com o despacho, era só o menino apresentar-se no Seminário e os gastos ficariam por conta da Nação. Entretanto, mesmo tendo a posse do despacho, que autorizava a entrada da criança na Casa, alguns meninos não compareciam no Seminário e a instituição não se preocupava em criar regras para agilizar a entrada dessas crianças na Casa. Enquanto eles não compareciam ao Seminário, a instituição não podia acolher outros. Em consequência disso, outras crianças tinham dificuldade para entrar na Casa. Fato que ocorreu com o menino Serafim Francisco de Paula que obteve seu despacho em 14 de maio de 1830. Passado mais de um ano, ele não apareceu no Seminário e impediu, assim, que outro aproveitasse o lugar desocupado. Diante do acontecido, a Comissão Fiscalizadora propunha que o Seminário marcasse um prazo a fim de que o menino se apresentasse, caso contrário perderia a vaga.

⁹⁴ Ofício de Joaquim Manoel de Oliveira e Castro, 9 de agosto de 1828, 71-1-61-866.

⁹⁵ Cópia de vários artigos do relatório da Comissão encarregada de visitas a estabelecimentos públicos de caridade e de examinar o estado das prisões civis, eclesiásticas e militares, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 21 de maio de 1831, 72-2-29A-867.

⁹⁶ Cópia de uma parte do relatório apresentado à Câmara Municipal pela Câmara encarregada de visita a prisões e a estabelecimentos de caridade, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 5 de setembro de 1831, 72-1-55 A-867.

“No entanto, é preciso advertir que requerendo à título de pobre alguns meninos, ou por seus pais, faculdade para entrar no Seminário por conta da Nação. Sucede que obtendo para isso o despacho, demoram-se imenso tempo, como sucede com Serafim Francisco de Paula, que obteve despacho em 14 de maio de 1830 sem que até hoje para ali se recolha, não aproveitando em consequência este favor da Nação e obstando a que outro aproveite: seria útil marcar um prazo, dentro do que o órfão ou menino pobre admitido devesse apresentar no Seminário sob a pena de perder a graça concedida”⁹⁷.

Além da dificuldade da entrada de meninos no Seminário, havia também transtornos na saída de alguns alunos, como foi o caso de certos meninos pensionistas que já tinham finalizado seus estudos, seus pais ou pessoas responsáveis não compareciam no Seminário para recolhê-los. Por causa disso, o Regente do Seminário Luis do Coração de Jesus pedia ao Presidente da Província de São Paulo que tomasse as medidas necessárias:

“Cumpre-me levar ao conhecimento de V. Ex.^{ca} que tendo saído há tempo alguns meninos pensionistas, seus pais ou pessoas encarregadas de assistir-lhes, não o tem procurado para fazer o presente, não obstante as diligências que para isso tenho feito. Vejo-me para tanto na precisão de recorrer a V. Ex.^{ca} a fim de providenciar de alguma forma, atendendo as urgentes necessidades do mesmo Seminário”⁹⁸.

Porém, não foi isso que ocorreu com os dois meninos pensionistas, filhos de Dona Anna Francisca Gonzaga, viúva de Gonzaga, que se mostrava presente na educação de seus filhos. Na visão do Professor João Francisco dos Santos eles eram

⁹⁷ Cópia de vários artigos do Relatório da Comissão encarregada de visita aos estabelecimentos de caridade e examinar o estado das prisões civis, eclesiásticas e militares, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 21 de maio de 1831, 72-2-29A-867.

⁹⁸ Ofício do Regente Luís do Coração de Jesus ao Vice Presidente da Província de São Paulo, 11 de outubro de 1830, 72-1-59-867.

“viciosos”. Eram também “perniciosos ao Seminário” e “incapazes”, pois haviam freqüentado a instituição por dois anos e nada tinham aprendido. Apesar de terem sido castigados, afiança o professor, eles não haviam progredido. Por isso, o diretor do Seminário propôs que se entregasse os dois meninos a sua mãe, porque o Mestre, apesar de seu esforço, não esperava que eles se adiantassem e que, dessa forma, a Casa também desacreditava nos meninos:

“Em virtude do officio que tive do Mestre deste Seminário de Santana no qual me faz ver que os dois educandos pensionistas filhos do falecido Gonzaga são perniciosos ao Seminário por dois princípios: primeiro que há dois anos que estão aprendendo, e nada tem aproveitado pela sua incapacidade, segundo são viciosos principalmente um deles apesar de terem sido castigados; a mãe tem se queixado do pouco adiantamento deles, sem querer conhecer sua rudez e que paga os filhos para aprenderem. Portanto, sou de parecer que se entregue os dois meninos a sua Mãe visto que o Mestre diz que apesar de sua diligência não há esperança de se adiantarem e de alguma forma desacredita a Casa (...)”⁹⁹.

Eles foram expulsos do Seminário no final de 1829 porque continuavam “incorrigíveis” e eram “prejudiciais aos outros”.

“(…) que existindo neste Seminário dois filhos de Dona Anna Francisca Gonzaga, viúva do falecido Gonzaga, pensionistas, os quais incorrigíveis e serem prejudiciais aos outros, foram expulsos do Seminário (...)”¹⁰⁰.

⁹⁹ Ofício do Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Presidente da Província de São Paulo, 22 de janeiro de 1829, 71-3-90-866.

¹⁰⁰ Ofício do Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Presidente da Província de São Paulo, 28 de novembro de 1829, 71-3-67-866.

O Seminário não foi marcado somente por episódios como esse em que a instituição via-se obrigada a desistir de seus alunos. Pelo contrário, a Casa dedicou-se a acolher os meninos que mostrassem interesse e “boa conduta”. Como aconteceu com o aluno Francisco, talvez filho de Agostinho Valente, antigo administrador do Brigadeiro José Vaz de Carvalho. Pela incerteza da paternidade da criança, por ser “menor”, “órfão”, por ter “boa conduta”, “habilidade” e “juízo”, o Diretor Manoel Francisco de Andrade decidira abrigar o menino por mais tempo na instituição, como de fato ocorreu¹⁰¹, ainda que o menino tivesse recebido a devida educação e estivesse próxima a sua saída do Seminário. O Diretor pedia providências ao Presidente da Província São Paulo a fim de que mandasse o menino de volta ao Seminário porque fazia doze dias que estava fora da instituição, sem a permissão do Governo e do Juiz de Órfãos.

“Neste Seminário foi admitido por ordem do Governo desta Província o menino de nome Francisco [Ilegível] pela requisição do Juiz dos Órfãos tendo em consequência recebido a conveniente educação, e já em termos de se lhe dar destino. Requeri do Governo que se conservaria no Seminário por mais tempo em razão de sua conduta, porque vista a sua habilidade e até bastante juízo em sua idade (...). O Sr. Luiz encarregado da educação deles, anunciou ao mesmo Governo a minha requisição. O menino se conservou da mesma maneira até que há poucos dias saiu do Seminário retirando-se para a Casa de Agostinho Valente, antigo administrador do Brigadeiro de José Vaz de Carvalho, de quem diz seu filho natural. Porque são contados doze dias sem que se tenha apresentado, o que é muito mau exemplo, uma vez que sendo menor de idade e órfão que não lhe solicitou, sem permissão do Governo e do Juiz, e seguiu o modo de vida que lhe pareceu. Entendo ser conveniente rogar a V. Ex.^{ca} as providências necessárias para o fazer voltar a este Seminário (...)”¹⁰².

¹⁰¹ Ofício do Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Presidente da Província de São Paulo, s/d, 71-2-s/n-866.

¹⁰² Ofício do Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Presidente da Província de São Paulo, s/d, 71-2-s/n-866.

Também sabemos que Francisco de Assis Vieira Bueno frequentou o Seminário e em 1830, com 14 anos, concluiu sua aprendizagem de primeiras letras pelo método de ensino mútuo. Segundo ele, que publicou sua memória pela primeira vez em 1903 na *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes* em Campinas, “era a melhor [escola] que havia até então em São Paulo, pois afastava-se da antiga rotina, adotando o método Lancaster, chamado ensino mútuo” (BUENO, 1976, p. 15). Francisco Bueno revelou-se um aluno com trajetória de sucesso, exerceu magistratura em Bragança entre 1844 a 1848, foi diretor e, durante algum tempo, presidente do Banco do Brasil (HOLANDA, 1976 *apud* BUENO, 1976, p. 7).

Dentre esses alunos – órfãos, pobres ou pensionistas – aquele que apresentasse bons resultados escolares era escolhido pelo Mestre para ser Monitor. O Monitor era, então, responsável por dirigir a sala na ausência do Professor¹⁰³, supervisionado pelo Regente Luis do Coração de Jesus, que também auxiliava na fiscalização da aula:

“(...) Enquanto a sua falta [do Professor] não há de ser tão sensível a respeito da educação dos seminaristas, visto que o Regente pode fiscalizar aula e fazê-la manobrar pelo Monitor atual, que presentemente se acha instruído”¹⁰⁴.

O Monitor no Seminário de Santana, com 12 ou 13 anos, recebia funções que iam além de dirigir a sala de aula. Em 22 de novembro de 1829, na ausência do

¹⁰³ “Em virtude do ofício que tive do **Monitor que ficou fazendo as vozes do Professor João Francisco dos Santos** que foi a Corte buscas os utensílios necessários para as aulas (...)” (Ofício do Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Presidente da Província de São Paulo, 26 de novembro de 1829, 71-3-66-866).

¹⁰⁴ Ofício do Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Vice Presidente da Província de São Paulo, {Ilegível} de 1829, 71-3-21-866.

Diretor, Regente e Mestre de Primeiras Letras, o Monitor ficou responsável pela direção da instituição:

“Pelo que respeita ao Seminário de Santana [a Comissão] passa expor o que encontrou e as informações que pode obter dos meninos que lá se achavam só no dia 22 do corrente a tarde; pois nem o Diretor, nem seu companheiro, nem mesmo o Professor de Primeiras Letras lá se achavam. A direção da escola estava confiada a um menino de 12 ou 13 anos que é o primeiro monitor (...)”¹⁰⁵.

O Monitor, portanto, auxiliava o Professor João Francisco dos Santos no dever de ensinar seus alunos a ler, escrever, as quatro operações aritméticas, práticas de quebrados, decimais e proporções, noções mais gerais de geometria prática, a gramática da língua nacional, os princípios da moral cristã e de doutrina de religião católica e apostólica romana e no ensino da leitura pelo estudo da *Constituição do Império* e *História do Brasil*, como nos mostra a Primeira Lei de Instrução Pública do Império.

Sabemos que o Professor João Francisco dos Santos preocupou-se com o ensino da leitura. Em 11 de fevereiro de 1828 solicitava a impressão dos exemplares *Bases da Constituição Política do Império* e *História do Brasil* ao Diretor Manoel Francisco de Andrade na Tipografia da cidade:

“Como a novíssima lei sobre as escolas ordena, se preferirá para a leitura a História do Brasil e Bases da Constituição Política do Império; e sofrendo eu notável falta de exemplares para semelhante fim, faz-me contanto absoluta necessidade que V. R. faça chegar a respeitável preferência do Ex.^{mo} S.^f Presidente a precisão que há de tais gêneros, a fim de ver se o Ex.^{mo} S.^f as manda imprimir na tipografia da Cidade”¹⁰⁶.

¹⁰⁵ Cópia da 1ª parte do Relatório da Comissão de Visita dos Estabelecimentos de Caridade, Joseph Xavier de Azevedo Marques, ao Presidente da Província de São Paulo, 7 de dezembro de 1829, 71-3-75-866.

¹⁰⁶ Ofício de João Francisco dos Santos ao Diretor Manoel Francisco de Andrade, 11 de fevereiro de 1828, 71-1-27-866.

No entanto, passado mais de um ano, o Professor João Francisco dos Santos não recebeu o material. Por isso, insistiu na aquisição dos exemplares ao Presidente da Província em 14 de fevereiro de 1829:

“Não havendo na escola deste Seminário os competentes exemplares para leituras, cumpre-me suplicar a V. Ex.^{ca}, a graça de solicitá-las da Corte; cujos em consequência da Lei novíssima, artigo 6º, deverão ser compostos de *História do Brasil e Constituição Política do Império*”¹⁰⁷.

No que concerne à escrita, a Comissão Fiscalizadora, em 7 de dezembro de 1829, observou que as escritas dos alunos adiantados “estavam bem lançadas”. No entanto, é provável que ainda não tivessem *Gramática da Língua Nacional* porque a mesma comissão notou que, apesar dos caracteres estivessem bem desenhados, faltava ortografia à escrita e “perguntando se aprendiam a Gramática da língua vulgar, [o aluno] ouviu com espanto e respondeu *não*”¹⁰⁸. O bom desempenho na escrita continuaria em 1831, quando Comissão Fiscalizadora notou que os meninos escreviam “bem e com bonito talho”¹⁰⁹.

Assim como na requisição dos exemplares para o ensino da leitura, era trabalhoso ao Seminário receber os materiais utilizados para o ensino da escrita. Vale lembrarmos que a Corte era responsável pela distribuição dos materiais do Ensino Mútuo, mas eles nem sempre chegavam e, por isso, o Seminário os providenciava, ora

¹⁰⁷ Ofício de João Francisco dos Santos ao Presidente da Província, 14 de fevereiro de 1829, 71-3-91-866.

¹⁰⁸ Cópia da 1ª parte do Relatório da Comissão de Visita dos Estabelecimentos de Caridade, Joseph Xavier de Azevedo Marques, ao Presidente da Província de São Paulo, 7 de dezembro de 1829, 71-3-75-866.

¹⁰⁹ Cópia de uma parte do relatório apresentado à Câmara Municipal encarregada de visita a prisões e a estabelecimentos de caridade, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 5 de setembro de 1831, 72-1-55A-867.

usando os recursos mensais destinados pelos cofres provinciais¹¹⁰, ora encarregando o Professor João Francisco dos Santos de ir até à Corte a fim de buscar os utensílios necessários para as aulas¹¹¹.

Mesmo com toda essa dificuldade, na documentação consultada encontramos variados materiais escolares que certamente contribuíram para o êxito da escrita. Um dos materiais que recorrentemente aparece para o treino da escrita são penas e tintas para escrever. Um quartilho¹¹² e meio de tinta para aula saiu por \$180 réis em maio de 1828 e “penas para escrever” custaram \$120 réis ao Seminário no mesmo período¹¹³. Para aparar-las o Seminário comprou em dezembro de 1828 “1 canivettino de aparar penas” por \$320 réis. E para guardar a tinta, o Professor João Francisco dos Santos solicitou, em 28 de julho de 1828, 36 tinteiros do almoxarifado da cidade: “Necessito para a escola de ensino mútuo do Seminário de Santana (...) três dúzias de tinteiro que se acham recolhido no almoxarifado da Cidade”¹¹⁴.

Além de tintas, para o treino da escrita, o Seminário utilizava *lápiz de pedra*, como ocorreu em 14 de fevereiro de 1829: “(...) Também se faz necessário um cento de lápis de pedra que se acham depositados no Almoxarifado desta Cidade”¹¹⁵, e papel. Em maio de 1829, a instituição comprou 6 cadernos de papel almaço por \$640 réis. Mas

¹¹⁰ “Tenho a satisfação de apresentar a V. Ex.^{ca} a conta de receita e despesa feita neste Seminário (...), com exceção do artigo papel, tintas e penas que por ordem a casa assiste, havendo um decreto do I. M. Imperador que manda assistir pelo cofre nacional os utensílios necessários para as escolas de ensino mútuo” (Ofício do Diretor do Seminário Manoel Francisco de Andrade ao Presidente da Província de São Paulo, 4 de março de 1829, 71-3-94-866).

¹¹¹ Ofício do Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Presidente da Província de São Paulo, 26 de novembro de 1829, 71-3-66-866.

¹¹² Quartilho: medida líquida que significa a quarta parte de uma canada e corresponde a pouco mais de meio litro.

¹¹³ Cópia da 1ª parte do Relatório da Comissão de Visita dos Estabelecimentos de Caridade, Joseph Xavier de Azevedo Marques, ao Presidente da Província de São Paulo, 7 de dezembro de 1829, 71-3-75-866.

¹¹⁴ Ofício do Professor João Francisco dos Santos ao Bispo Diocesano, 28 de julho de 1828, 71-1-53-886.

¹¹⁵ Ofício do Professor João Francisco dos Santos ao Presidente da Província, 14 de fevereiro de 1829, 71-3-91-866.

parece que neste mês o Seminário precisou de mais 1 e ½ resma¹¹⁶ de folhas de papel e, sem dinheiro para comprá-las, teve que pagá-las em setembro de 1829 por 7\$280 réis!

Outros tipos de materiais, como canetas, coleção de Exemplos¹¹⁷, duas libras de esponja e um cento de perdões foram solicitados em 14 de abril de 1830. No pedido não encontramos caixas de areia para o treino da escrita, como era indicado para os alunos iniciantes.

“Preciso para a escola deste Seminário uma dúzia de maços de lápis de pedra, cinqüenta canetas, uma coleção de Exemplos, duas libras de esponja e hum cento de perdões”¹¹⁸.

Além da leitura e da escrita, também fez parte do ensino do Seminário os princípios da moral cristã e de doutrina de religião católica e apostólica romana, porque a Comissão Fiscalizadora de 1829 encontrava no Seminário “um livrinho de Orações” contendo “pinturas aterradoras do Inferno”¹¹⁹. Mas certamente as aulas de Doutrina Cristã foram prejudicadas pela falta de Capelão desde o início do ano de 1828¹²⁰ até fins do ano de 1831: “A Comissão também notou a falta de um capelão naquele estabelecimento, ficando assim os pobres órfãos privados das vantagens da nossa santa religião”¹²¹.

¹¹⁶ Resma: vinte mãos de papel, quinhentas folhas.

¹¹⁷ Não foi possível precisar a referência na documentação encontrada.

¹¹⁸ Ofício do Professor João Francisco dos Santos ao Presidente da Província de São Paulo, 14 de abril de 1830, 72-1-20-867.

¹¹⁹ Cópia da 1ª parte do Relatório da Comissão de Visita dos Estabelecimentos de Caridade, Joseph Xavier de Azevedo Marques, ao Presidente da Província de São Paulo, 7 de dezembro de 1829, 71-3-75-866.

¹²⁰ Ofício do Diretor do Seminário Manoel Francisco de Andrade ao Presidente da Província de São Paulo, 28 de junho de 1828, 72-1-s/n-867: “Participo a V. Ex.^{ca} que o Padre Capelão deste Seminário de Santana se acha muito enfermo, por cujo motivo já no dia 30 de janeiro deste presente ano não seletou missa (...)”.

¹²¹ Cópia de uma parte do relatório apresentado à Câmara Municipal pela Câmara encarregada de visita a prisões e a estabelecimentos de caridade, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 5 de setembro de 1831, 72-1-55 A-867.

Em setembro de 1831, a Comissão Fiscalizadora observou que os meninos seguiam “bem adiantados no estudo das primeiras letras”, como também nas quatro operações aritméticas, “vindo assim dar muita esperança de que continuarão seus estudos, tornando-se úteis a si e a sociedade”¹²². Porém, a saída do Professor João Francisco dos Santos, que deixava o Seminário de Santana nos fins de 1830 para lecionar na escola da Freguesia de Santa Ifigênia, preocupava a Comissão Fiscalizadora pelo fato de que não havia outro Mestre para substituí-lo havia tempo. Por causa disso, o Regente Luis do Coração de Jesus que, mesmo sem possuir formação adequada, assumia as aulas: “Há muito tempo não tem Mestre de Primeiras Letras e é o Regente quem supre sua falta, porém imperfeitamente porque seu cargo é outro e ele não havia se prontificado para este”¹²³. A Comissão lamentava a ausência de um professor de primeiras letras porque sua falta atrasava o ensino dos alunos que se encontravam adiantados:

“A Comissão não pôde deixar de lastimar que aqueles órfãos que tem já apresentado algum adiantamento fiquem inúteis seus trabalhos pela falta de um professor que continue a ensinar-lhes, pois que há meses saiu dali o mestre que tinham e até hoje não tem outro, estando os meninos a atrasarem-se”¹²⁴.

Ao que pudemos perceber, o Seminário de Santana adaptou o método mútuo à realidade em que se encontrava. Desse modo, o método, criado para auxiliar o professor numa sala com centenas de alunos, foi ajustado às dezenas que o Seminário acolheu. Também notamos que o Seminário ampliou as funções do Monitor, deixando-o

¹²² Cópia de uma parte do relatório apresentado à Câmara Municipal pela Câmara encarregada de visita a prisões e a estabelecimentos de caridade, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 5 de setembro de 1831, 72-1-55 A-867.

¹²³ Cópia de vários artigos do Relatório da Comissão encarregada de visita aos estabelecimentos públicos de caridade e examinar o estado das prisões civis, eclesiásticas e militares, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 21 de maio de 1831, 72-2-29A-867.

¹²⁴ Cópia de uma parte do relatório apresentado à Câmara Municipal pela Câmara encarregada de visita a prisões e a estabelecimentos de caridade, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 5 de setembro de 1831, 72-1-55 A-867.

supervisionar seus colegas na ausência dos responsáveis pela instituição. E, por fim, observamos que o Seminário tratou de conteúdos, como ensino de leitura, de escrita, das quatro operações de aritméticas, pré-requisitos para conteúdos posteriores. Ao que tudo indica, outros conteúdos como práticas de quebrados, decimais e proporções, noções de geometria prática e gramática da língua nacional, previstos na Primeira Lei de Instrução Pública do Império, não chegaram a ser ensinados seja porque a marcha da aprendizagem dos alunos não o permitiu, seja porque o professor não chegou a ficar tempo suficiente na instituição.

Considerações Finais

Procuramos no presente trabalho acompanhar o cotidiano dos primeiros anos de funcionamento do Seminário de Santana. Para isso, investigamos o comportamento dos agentes da instituição: Diretor, Escravos, Regente, Capelão, Mestre de Primeiras Letras e alunos.

Percebemos, pelas denúncias, que o Diretor Manoel Francisco de Andrade demonstrou-se descompromissado com a instituição, por visitá-la somente aos finais de semana e utilizar o pasto do Seminário para recolher seus animais e para alugá-lo a outras pessoas sem conceder os lucros à instituição.

Mais descuidados com os serviços do Seminário eram os escravos que viviam constantemente fugidos e embriagados. Por causa disso, provocavam um acúmulo das tarefas domésticas e obrigavam o Regente a reorganizar os afazeres da instituição, pedindo aos meninos que cuidassem da alimentação e de outros trabalhos de primeira necessidade e solicitando também a permanência de um “camarada”. Portanto, o Regente Luís do Coração de Jesus procurou reorganizar a instituição, reivindicar mais escravos ao Seminário, e se possível até assumir provisoriamente as aulas de Primeiras Letras, na ausência do Professor João Francisco dos Santos.

Somavam-se a essas dificuldades a falta do Capelão e a precariedade das instalações do prédio, que não dispunha de vidros nos dormitórios dos meninos e necessitava de reparo no telhado de uma sala que tinha sido atingido por um raio.

Para também entendermos o cotidiano da instituição, procuramos estudar os hábitos alimentares dos meninos, destacando as três principais refeições (almoço, jantar e ceia) e contabilizando aproximadamente o consumo e o gasto em alimentação por

pessoa. Sabemos, então, que no almoço consumiam feijão com farinha, biscoitos de trigo ou jacuba. No jantar ou ceia, alimentavam-se de feijão, acompanhado de arroz pilado, carne de vaca, toucinho, entrecosto, peixes ou bacalhaus. Além disso, investigamos as vestimentas dos meninos. Sabemos que os meninos andavam com camisas, calças, jaquetas e sapatos. As camisas eram confeccionadas com pano de algodão americano, de chita, de ganga inglesa ou de pano de Holanda e cada uma custava por volta de \$100 a \$200 réis ao Seminário. Para as calças utilizavam varas de brim, de riscado ou de picote e o feitiço de uma calça saía em média \$240 réis. Mas os sapatos custavam mais ao Seminário, o preço de um par de sapato variava entre \$560 a \$1400 réis. À noite, sob luzes de velas de sebo ou de lampião, os meninos consumiam chocolate ou café e deitavam logo cedo: às 8 horas da noite, como era comum em São Paulo no século XIX.

Por fim, para complementar a compreensão do funcionamento do Seminário de Santana nos detivemos ao estudo do ensino do Seminário e percebemos que o Professor João Francisco dos Santos, utilizando-se do método mútuo, ensinou os conteúdos de Leitura, Escrita e Aritmética. Conseguimos localizar alguns meninos que foram acolhidos na instituição: o menino pobre Serafim Francisco de Paula, os dois meninos pensionistas filhos de D. Anna Gonzaga, o aluno órfão Francisco, talvez filho de Agostinho Valente, e Francisco de Assis Vieira Bueno que mais tarde escreveria sua memória em 1903 na *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes* em Campinas. O número de alunos acolhidos no Seminário não ultrapassou a 24 crianças e, dentre elas, uma era escolhida para ser o Monitor, que auxiliaria o Professor. O Monitor tinha de 12 a 13 anos e também ficava responsável por seus colegas na ausência de um adulto na instituição. Também destacamos os materiais escolares utilizados para o ensino mútuo e

a dificuldade em adquirir pena para escrever, canivete para aparar, caneta, tinta e tinteiros para armazená-la, lápis de pedra, cadernos de papel almaço, esponja, perdões e bancos. Por último, relatamos a saída do Professor João Francisco dos Santos que foi lecionar na escola de Santa Ifigênia em fins de 1830 e notamos que sua saída prejudicou o ensino dos meninos.

Apesar de toda a dificuldade que o Seminário passava, os meninos conseguiam manter-se adiantados no ensino de primeiras letras, de acordo com o relatório da Comissão Fiscalizadora. Além disso, a instituição conseguia manter os meninos “dispostos”, “limpos”, “satisfeitos” e “bem vestidos”:

“Quanto ao regime econômico, se persuade a Comissão que não pode ser mau não só pelo que lhe afirmarão os meninos, como por achar todos limpos, bem dispostos e satisfeitos”¹²⁵.

“ Os órfãos (...) são tratados de maneira compatível com a módica mesada de 50\$000 réis mensais”¹²⁶.

“[Os alunos] são bem tratados segundo a Comissão pôde examinar dos mesmos órfãos e pelo estado em que se achou vestidos com decência necessária, atendendo a muito pequena quantia de 50 mil réis mensais”¹²⁷.

A discussão encerra-se aqui porque o tempo não foi suficiente para avançarmos na análise dos outros anos do Seminário. Pensamos em aprofundar o estudo

¹²⁵ Cópia da 1ª parte do Relatório da Comissão de Visita dos Estabelecimentos de Caridade, Joseph Xavier de Azevedo Marques, ao Presidente da Província de São Paulo, 7 de dezembro de 1829, 71-3-75-866.

¹²⁶ Cópia de dois artigos do relatório feito pela Comissão de visita de prisões e estabelecimentos públicos de caridade nesta cidade, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 26 de julho de 1830, 72-1-40A-867.

¹²⁷ Cópia de uma parte do relatório apresentado à Câmara Municipal pela Câmara encarregada de visita a prisões e a estabelecimentos de caridade, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 5 de setembro de 1831, 72-1-55 A-867.

em outra oportunidade, utilizando novas fontes que estamos localizando - já encontramos fontes primárias do ano de 1835 no AESP – e analisando os documentos que se encontram na página da Internet da Universidade de Chicago (www.crl.edu/content/brazil/são.htm) que perfazem os anos de 1838 a 1869 da instituição.

Referências Bibliográficas

BRASIL. *Coleção de decretos, cartas imperiais e alvarás do Império do Brasil de 1825*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1885, p. 43.

BASTOS, Maria Helena Câmara. “O ensino mútuo no Brasil”. In: BASTOS, Maria Helena Câmara & FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *A escola elementar no século XIX: o método monitorial/mútuo*. Passo Fundo, Ediupf, 1999, p. 97-118.

BUENO, Francisco de Assis Vieira. *A cidade de São Paulo: recordações evocadas de memória*. São Paulo: 1976, Academia Paulista de Letras, 66p.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *História da alimentação no Brasil*. São Paulo: Global, 2004, 954 p.

CASTRO, César Augusto. *A educação de meninos desvalidos no Maranhão no século XIX*. (mimeo).

CRUDO, Matilde Araki. *Infância, trabalho e educação: os aprendizes do arsenal de guerra de Mato Grosso (Cuiabá, 1842-1899)*. Campinas, 2005, 366 p. Tese (Doutoramento em História), Universidade Estadual de Campinas.

GIGLIO, Célia Maria Benedicto. “Os filhos da Província”. In: *Uma genealogia de práticas educativas na Província de São Paulo (1836-1876)*. São Paulo, 2001, p. 87-128. Tese (Doutoramento em Educação), Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. “Os Seminários de educandos em São Paulo”. In: MENEZES, Maria Cristina (org). *Educação, memória e história: possibilidade e leituras*. Campinas (São Paulo): Mercado de Letras, 2004, p. 213-263.

_____. O ensino mútuo na Província de São Paulo. In: BASTOS, Maria Helena Câmara & FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *A escola elementar no século XIX*. Passo Fundo: Ediupf, 1999, p. 197-215.

_____. “A série Ofícios Diversos do Arquivo do Estado de São Paulo como fonte para a História da Educação Brasileira. In: VIDAL, Diana Gonçalves e SOUZA, Maria Cecília Cortez C. de. *A memória e a sombra: entre o Império e a República*. Autêntica, Belo Horizonte, 1999, p. 13-19.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *A roda dos expostos: o óbvio e o contraditório da instituição*. Resgate: Campinas, n. 3, p. 66-75, 1991.

MACHADO, Alcântara. *Vida e morte do bandeirante*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980, 247 p.

MARCÍLIO, Maria Luíza. *História social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998, 228 p.

MARTINS, Antonio Egydio. *São Paulo antigo (1554-1910)*. São Paulo: Paz e Terra, 2003, 550p.

MENDONÇA, Francisco Maria de Souza Furtado. *Repertório geral ou índice alfabético das leis do Império do Brasil*. Rio de Janeiro, 1847, 4 volumes.

MOACYR, Primitivo. *A instrução e as províncias: subsídios para a História da Educação no Brasil (1835-1889)*. São Paulo, Editora Nacional, 1939, 2º Volume, p. 311-312.

MORAES E SILVA, Antonio de. *Dicionário de língua portuguesa recopilado*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813, Tomo 1º, 806 p.

_____. *Dicionário de língua portuguesa recopilado*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813, Tomo 2º, 900p.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org). *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX: memórias, depoimentos, evocações*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999, p. 1-75.

SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial (1550-1835)*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 16.

TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. *História dos bairros de São Paulo: O bairro de Santana*. São Paulo: Oficina de Artes Gráficas Bisordi S. A., 1970, 163 p.

VIDAL, Diana Gonçalves. *Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005, 187p.

_____. *Na batalha da educação: correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1929-1971)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000, 215p.

Fontes Manuscritas

AESP – Manuscritos – Série Ofícios Diversos

- Ordem 866-71-1-27: Ofício de João Francisco dos Santos ao Diretor Manuel Francisco de Andrade, 11 de fevereiro de 1828.
- Ordem 866-71-1-27: Ofício de Manoel Francisco de Andrade ao PP Tomaz Garcia de Almeida, 12 de fevereiro de 1828.
- Ordem 866-71-1-38; Ofício de Luis do Coração de Jesus ao PP Thomaz Xavier Garcia de Almeida, 12 de abril de 1828.
- Ordem 866-71-1-53: Ofício de João Francisco dos Santos ao Bispo Diocesano, 28 de junho de 1828.
- Ordem 867-72-1-s/n: Ofício de Manuel Francisco de Andrade ao PP, 28 de junho de 182? (7-8).
- Ordem 866-71-1-61: Ofício de Joaquim Manuel de Oliveira e Castro, 9 de agosto de 1828.
- Ordem 866-71-2-6: Ofício de Manoel Francisco de Andrade ao Vice PP, 10 de novembro de 1828.
- Ordem 866-71-2-6: Conta de receita e despesas do Seminário de Santana de outubro de 1827 a setembro de 1828 assinada pelo Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Vice Presidente da Província de São Paulo, 10 de novembro de 1828.
- Ordem 866-71-3-90: Ofício de Manoel Francisco de Andrade ao PP, 22 de janeiro de 1829.
- Ordem 866-71-2-51: Ofício de Manoel Francisco de Andrade ao PP, 10 de fevereiro de 1829.
- Ordem 866-71-3-91: Ofício de João Francisco dos Santos ao PP, 14 de fevereiro de 1829.
- Ordem 866-71-3-94: Ofício de Manoel Francisco de Andrade ao PP, 4 de março de 1829.
- Ordem: 866-s/n-s/n-s/n: Ofício de Luis do Coração de Jesus ao PP, março de 1829.
- Ordem 866-71-2-82: Ofício de João Francisco dos Santos ao Vice PP, 10 de maio 1829.
- Ordem 866-71-3-93: Ofício de Manoel Francisco de Andrade ao Vice PP, 11 de junho de 1829.
- Ordem 866-71-3-91 A: Ofício de Manoel Francisco de Andrade ao PP, 28 de julho de 1829.

- Ordem 866-71-3-66: Ofício de Manoel Francisco de Andrade ao PP, 26 de novembro de 1829.
- Ordem 866-71-3-21: Ofício de Manoel Francisco de Andrade ao Vice PP, 11 de [Ilegível] de 1829.
- Ordem 866-71-3-67: Ofício de Manoel Francisco de Andrade ao PP, 28 de novembro de 1829.
- Ordem 866-71-3-79: Conta de receita e despesas do Seminário de Santana de novembro de 1828 a outubro de 1829 assinada pelo Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Presidente da Província de São Paulo, 9 de dezembro de 1829, 71-3-79-866.
- Ordem 866-71-3-75: Cópia da 1ª parte do relatório da Comissão de visita aos estabelecimentos de caridade, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 7 de dezembro de 1829.
- Ordem 866-71-3-79: Ofício de Manoel Francisco de Andrade ao PP, 9 de dezembro de 1829.
- Ordem 866-71-3-75: Ofício de José Manuel de França ao PP, 7 de dezembro de 1829.
- Ordem 866-71-1-27: Ofício de Francisco José Reiz, s/d.
- Ordem 866-71-2-s/n: Ofício de Manoel Francisco de Andrade ao PP, s/d.
- Ordem 867-72-1-9: Ofício de Manoel Francisco de Andrade ao PP, 21 de janeiro de 1830.
- Ordem 867-72-1-14: Ofício de Antonio Paes de Camargo e outros ao PP José Carlos Pereira de Almeida Torres, 14 de fevereiro de 1830.
- Ordem 867-72-1-20: Ofício de João Francisco dos Santos ao PP, 14 de abril de 1830.
- Ordem 867-72-1-24: Ofício de [Ilegível] Manoel França e outros ao Vice PP Manoel Joaquim G. de Andrade, 18 de maio de 1830.
- Ordem 867-72-1-40 A: Cópia de dois artigos do relatório feito pela Comissão de visita de prisões e estabelecimentos públicos de caridade nesta cidade, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 26 de julho de 1830.
- Ordem 867-72-1-40: Ofício de José Manuel da Luz e outros ao Vice PP Manoel Joaquim [Ilegível] de Andrade, 26 de julho de 1830.
- Ordem 867-72-2-50: Ofício de Luis do Coração de Jesus ao Vice PP, 17 de agosto de 1830.

- Ordem 867-72-1-53: Ofício de Manoel Francisco de Andrade ao Vice PP, 28 de setembro de 1830.
- Ordem 867-72-1-59: Ofício de Luis do Coração de Jesus ao Vice PP, 11 de outubro de 1830.
- Ordem 867-72-1-s/n: Ofício de Joaquim Antonio Alvim e outros ao Vice PP, 23 de outubro de 1830.
- Ordem 867-72-1-59 A: Ofício de Joaquim Antonio [Ilegível] Saldanha, [Ilegível] de outubro de 1830.
- Ordem 867-72-3-4 A: Ofício de João Francisco dos Santos, 20 de novembro de 1830.
- Ordem 867-72-3-4: Ofício de João Francisco dos Santos ao Vice PP, 25 de novembro de 1830.
- Ordem 867-72-1-79: Ofício de João Francisco dos Santos ao PP, 9 de janeiro de 1831.
- Ordem 867-72-1-84: Ofício de João Francisco dos Santos ao PP Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, 26 de janeiro de 1831.
- Ordem 867-72-1-87: Ofício do PP Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, 3 de fevereiro de 1831.
- Ordem 867-72-1-88: Ofício do PP Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, 5 de fevereiro de 1831.
- Ordem 867-72-1-89: Ofício de Manoel Francisco de Andrade ao PP Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, 7 de fevereiro de 1831.
- Ordem 867-72-1-92: Ofício de Gabriel Cantinho, 9 de fevereiro de 1831.
- Ordem 867-72-2-2: Ofício de Manoel Costa e Almeida e outros ao PP, 10 de março de 1831.
- Ordem 867-72-2-5: Ofício de Luis do Coração de Jesus ao PP Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, 21 de março de 1831.
- Ordem 867-72-2-29: Ofício de José Manoel França ao Bispo Diocesano, 20 de maio de 1831.
- Ordem 867-72-2-29A: Cópia de vários artigos do relatório da Comissão encarregada de visitas a estabelecimentos públicos de caridade e de examinar o estado das prisões civis, eclesiásticas e militares, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 21 de maio de 1831.

- Ordem 867-72-2-55: Ofício de Ivo Manoel de França e outros ao PP Manoel Theodoro de Araújo Azambuja, 5 de setembro de 1831.
- Ordem 867-72-1-55A: Cópia de uma parte do relatório apresentado à Câmara Municipal pela Câmara encarregada de visita a prisões e a estabelecimentos de caridade, Joseph Xavier de Azevedo Marques, 5 de setembro de 1831.
- Ordem 867-72-2-34: Ofício de Joaquim Antonio Alves Alvim e outros ao PP Manuel Theodoro de Araújo Azambuja, 27 de junho de 1831.
- Ordem 867-72-3-12: Ofício de Luis do Coração de Jesus ao PP Rafael Tobias de Aguiar, 5 de dezembro de 1831.

Anexos

Anexo 1 – Dias de jornal de camarada

(Outubro de 1827 a Dezembro de 1829)

Período	Dias de jornal de camarada/ Valor
Outubro de 1827	---
Novembro de 1827	---
Dezembro de 1827	---
Janeiro de 1828	“Paguei ao Carpinteiro Francisco de Assis” (não
Fevereiro de 1828	---
Março de 1828	---
Abril de 1828	“28 dias de jornal Camarada a 160 réis” (4\$440)
Mai de 1828	“14 dias de jornal Camaradas” (2\$240)
Junho de 1828	“12 dias de jornal de Camarada” (1\$920)
Julho de 1828	“25 dias de jornal Camarada” (4\$000) “Mais 3 de outro a 100 réis (\$500) ”
Agosto de 1828	“11 dias de jornal Camarada” (1\$760)
Setembro de 1828	“17 dias de jornais de Camarada” (2\$720)
Outubro de 1828	*
Novembro de 1828	---
Dezembro de 1828	“Paguei ao Camarada” (3\$040)
Janeiro de 1829	“Dinheiro que paguei ao Camarada” (1\$920)
Fevereiro de 1829	“Jornal de um camarada 15 dias a 160 réis” (2\$400)
Março de 1829	“21 dias de jornal do Camarada” (3\$520)
Abril de 1829	“15 dias de jornal Camarada” (2\$400)
Mai de 1829	“Dias de jornal Camarada” (2\$570)
Junho de 1829	“Jornais de Camarada” (3\$210)
Julho de 1829	“20 dias de jornal de Camarada” (3\$200)
Agosto de 1829	“19 dias de jornal Camarada” (3\$040)
Setembro de 1829	“25 dias de jornal Camarada a 160 réis” (4\$000)
Outubro de 1829	“20 dias de jornal Camarada a 160 réis” (3\$200)

Anexo 2 – Consumo de café e mate

(Outubro de 1827 a Dezembro de 1829)

Período Mês / ano	Quantidade de alimento consumido/Valor pago Café	Quantidade de alimento consumido/Valor pago Mate
Outubro de 1827	11 libras $\frac{1}{4}$ (\$720)	---
Novembro de 1827	---	Não consta quantidade
Dezembro de 1827	8 medidas (\$560)	\$080
Janeiro de 1828	---	---
Fevereiro de 1828	---	---
Março de 1828	8 medidas (\$640)	---
Abril de 1828	12 medidas (\$960)	---
Maior de 1828	$\frac{1}{2}$ arroba (1\$120)	---
Junho de 1828	---	---
Julho de 1828	$\frac{1}{2}$ arroba (1\$120)	---
Agosto de 1828	8 medidas (\$480)	\$200
Setembro de 1828	8 medidas (\$480)	\$200
Outubro de 1828	*	
Novembro de 1828	$\frac{1}{2}$ arroba (\$960)	---
Dezembro de 1828	10 libras (\$680)	\$160
Janeiro de 1829	8 libras (\$560)	---
Fevereiro de 1829	8 medidas (\$400)	---
Março de 1829	12 medidas (\$600)	---
Abril de 1829	20 medidas (1\$200)	---
Maior de 1829	4 libras (\$320)	---
Junho de 1829	12 libras	---
Julho de 1829	8 medidas	---
Agosto de 1829	8 medidas	---
Setembro de 1829	12 medidas	---
Outubro de 1829	4 medidas	---

Anexo 3 – Transcrição dos dois documentos referentes à Conta de Receita e Despesa do Seminário (Outubro de 1827 a Dezembro de 1829)

I - Conta de receita e despesas do Seminário de Santana de outubro de 1827 a setembro de 1828, assinada pelo Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Vice Presidente da Província de São Paulo, 10 de novembro de 1828, 71-2-6-866.

“Il.^{mo} Ex.^{mo} S.^r

Apresento a V. Ex.^a a conta das despesas deste Seminário de S. Anna feita desde fins de setembro de 1827 até fim do mês de 1828 e juntamente o mapa dos educandos do mesmo Seminário que se acham prontos para seguirem outro destino [Ilegível].

Seminário, 10 de novembro de 1828.

Il.^{mo} Ex.^{mo} S.^r Vice Presidente

Manoel Francisco de Andrade

Diretor”.

Outubro de 1827

“Para as despesas do mês de Outubro, recebi do Síndico 39\$200.

Entrando na mesma conta o que pagou a Viúva do falecido Coronel Jacinto, que devia do mês de Agosto e Setembro

2 Alqueires e meio de feijão.....	4\$400
6 Arrobas e cinco libras de toucinho.....	8\$835
5 Alqueires de milho.....	3\$680
5 Arrobas, e oito libras de carne de vaca.....	4\$380
Velas de sebo.....	\$800
14 Alqueires e três quartas de farinha.....	13\$800
2 Alqueires e meio de arroz pilado.....	5\$880
Biscoitos de Trigo.....	\$480
2 Medidas e meia de azeite.....	1\$200
11 Libras e uma quarta de café.....	\$720
4 Dobradiças de encosto de caixilho.....	\$240
4 puxadores amarelos p/ os mesmos.....	\$320
1 novelinha de barbante.....	\$180
Fumo p/ os escravos.....	\$080
Meio Alqueire de Sal.....	1\$120
1 Hapá de taquara e uma peneira fina.....	\$170
3 Oitavos de retrós e um vintém de inguento.....	\$320
1 Canivete grande.....	\$240
Linhas pretas.....	\$040
1 Medida de água argente.....	\$160
Alhos para comida.....	\$320
2 Pares de sapatos.....	1\$440
1 Quartilho de vinho.....	\$200
1 Chapéu de palha fina.....	\$460
6 Libras de açúcar branco.....	\$360

Soma 39\$825

O S.^r João Floriano Monte Carmello

Novembro de 1827

“Relação das despesas deste Seminário de S^{ta} Anna desde Novembro do ano de 1827 até fim de Setembro deste presente

Para as despesas do mês de Novembro recebi do Síndico.....	50\$000
O Professor João Francisco pagou o que deve a este Seminário de gêneros que assiste com o consentimento do Sr. Diretor.....	1\$920
Esmolas que trouxe de São Carlos.....	2\$560
Esmola que de Manuel Barboza.....	<u>\$640</u>
Soma	55\$120

Carnes de vaca p ^a todo este mês 7 Arrobas e meia.....	6\$600
2 Alqueires e meio de arroz pilado.....	4\$480
Velas de sebo.....	\$640
3 Medidas de azeite.....	1\$440
Louças.....	\$100
1 Alqueire de Sal.....	2\$280
6 Alqueires de feijão.....	8\$000
1 Par de sapatos.....	1\$000
4 Arrobas de toucinho.....	5\$680
Meia arroba de açúcar.....	\$720
Biscoitos.....	\$320
1 garrafa de vinagre.....	\$160
11 Alqueires de farinha.....	10\$120
Fumo p. ^a os pretos.....	\$160
6 Alqueires e meio de milho.....	4\$000
Sabão.....	\$040
4 Varas de Pano de Algodão Americano	1\$280
Cebolas cartas no correio 4 oitavas de retrós	
E um vintém de agulhas, mate e mais miudezas destas naturezas importaram.....	\$940
8 entrecosto.....	1\$440
8 M ^s de açúcar.....	\$480
1 Queijo.....	\$180
2 Cordas.....	\$120
Meia vara de brim.....	\$200
Feitio de 2 camisas	\$400
Madeira p. ^a os caixilhos de vidração da Aula.....	1\$120
Feitio de 8 calças a 240 r ^s	1\$920
Feitio de mais três melhores das d ^a	1\$200
Alhos.....	<u>\$100</u>

A despesa soma 55\$120

Dezembro de 1827

Para as despesas do mês de Dezembro recebi do Síndico	42\$200
Carnes de vaca p ^a todo este mês 8 Arrobas.....	7\$040
4 Par de sapatos a 1000 r ^s	4\$000
1 d ^o a 800 r ^s	\$800
Cebolas e alhos.....	\$320
2 Medidas de azeite.....	\$960
6 Alqueires de farinha.....	5\$760
Fumo p. ^a os pretos e serventes.....	\$320
2 garrafas de vinagre.....	\$320
2 Arrobas e 4 M ^s de Toucinho.....	5\$120
2 Alqueires de Arroz pilado.....	4\$400
8 medidas de café.....	\$560
Velas de sebo.....	\$320
Meia arroba de açúcar.....	\$880
Marcas.....	\$100
2 Berrumas e 100 pregos ripas e um martelo.....	\$640
Mate.....	\$080
1 Entrecosto.....	\$180
Biscoito.....	\$320
Alfinetes.....	\$200
Hóstias.....	\$100
3 oitavas de retrós.....	\$300
Fazenda e feitio de vestia de um menino.....	1\$360
Emportou os caixilhos da vidraça da aula.....	6\$400
8 medidas de banha.....	<u>\$640</u>
	A despesa soma 41\$120
	Resta em 1\$080

Janeiro de 1828

Para as despesas deste mês recebi do Síndico.....32\$760

Da viúva do falecido Ten.^{te} Luiz Gonzaga dois filhos, do mês de 7 br^o, 8 br^o, 9 br^o e 10
br^o do ano passado a 6400 r^s por serem
dois.....25\$600

E que restou do mês passado.....1\$080
Soma 59\$440

Carnes de vaca p^a todo este mês 7 arrobas e 12 medidas.....6\$490
2 Arrobas de banha.....3\$840
Cebolas.....\$280
1 Arrobas e 9 medidas de toucinho.....2\$050
13 Lombos.....2\$010
6 Alqueires e três quarta de farinha.....8\$520
2 chapéus p/ os pretos.....\$280
Velas de sebo.....\$480
Paguei ao Carpinteiro Francisco de Assis divida que o Irmão Joaquim deixou;
e paguei por ordem do Sr. Diretor a quantia.....9\$760
2 Alqueires e meio de arroz pilado.....5\$600
8 medidas de açúcar.....\$480
2 touces1\$280
Peixe.....\$140
3 e 1/2 Medidas de azeite.....1\$800
2 cartas no correio.....\$200
Feitio de 2 calças\$480
Feitio de outra d^a.....\$400
1 corda e fumo para os pretos e mais miudezas.....\$180
2 alqueires de milho.....1\$120
Biscoito.....\$480
1 Alqueire de sal.....1\$680
1 garrafa de vinagre.....\$160
Conserto dos regadores.....\$480
2 varas de caça.....\$560
Melancias.....\$320
1 Par de sapatos.....1\$120
Sabão.....\$080
Feitio de 2 jaquetas e uma oitava de retrós e marcas\$910
1 Par de sapatos.....\$560

As despesas somam 51\$740
Resta 7\$700

Fevereiro de 1828

Para as despesas deste mês recebi do Síndico.....	54\$600
O que restou do mês de Janeiro.....	<u>7\$700</u>
	Soma 62\$300
5 Alqueires e meio de feijão.....	6\$320
2 Alqueires e huma quarta de Arroz pilado.....	5\$040
5 Arrobas e 24 medidas de carne de vaca	4\$660
2 Arrobas de banha.....	4\$160
10 Lombos.....	1\$700
1 entrecosto.....	\$250
1 Arrobas e 9 medidas de toucinho.....	2\$050
1 d ^a de Bacalhau.....	5\$120
1 Queijo.....	\$200
1 medida de aguarda e um frasco.....	\$320
meia vara de cadaço.....	\$040
Velas de sebo.....	\$480
1 peneira de ceda.....	\$640
mais duas medidas de taquara.....	\$200
26 medidas de sebo para fazer velas.....	2\$860
6 Pares de sapatos.....	4\$960
Despesas miúdas p. ^a Irmão João.....	\$320
Biscoito.....	\$480
6 varas de riscado.....	1\$920
1 oitava de retrós.....	\$100
24 medidas de açúcar.....	1\$360
Bananas, hóstias, cordas, fumo, loucas.....	\$880
2 Medidas de azeite.....	1\$120
7 Alqueires e três quarta de farinha.....	7\$960
Concerto de 3 fechaduras.....	\$960
Peixes.....	1\$180
Pregos.....	\$100
3 alqueires de milho.....	2\$400
Feitio de calcas a 240 r ^s	1\$200
8 cavados de chita a 260 r ^s	<u>2\$080</u>
	As despesas somam 61\$690
	Resta \$610

Março de 1828

Para as despesas deste mês recebi do Síndico.....	50\$000
Recebi do Sr. Ajudante Manoel [Ilegível] o rendimento do cercado do Seminário..	4\$750
Da viúva do falecido Gonzaga, Assistência dos dois filhos do mês de Janeiro e	
Fevereiro.....	12\$800
Restou do mês de passado.....	<u>\$610</u>
	Soma 68\$160

3 Alqueires arroz	7\$040
3 Arrobas e 24 medidas de banha.....	8\$200
morguentos e mercúrio.....	\$120
Biscoito.....	\$480
8 medidas de café.....	\$640
24 medidas de açúcar.....	1\$200
12 Alqueires e ¼ de farinha.....	12\$540
2 Medidas de azeite.....	1\$120
2 Arrobas de Bacalhau.....	8\$960
1 garrafa de vinagre.....	\$160
2 varas de cadarço p ^a {ilegível}	\$180
2 chapéus.....	\$080
23 e ¾ de varas de pano de algodão.....	4\$750
3 alqueires de milho.....	2\$320
1 Par de sapatos.....	\$960
1 oitava de <i>retrós</i>	\$100
Alhos e fumo.....	\$180
2 cartas no correio.....	\$170
Cebolas.....	\$520
1 Alqueire de sal.....	1\$600
1 gamela grande.....	1\$600
1 e ½ Alquere e meio de feijão.....	1\$700
1 peneira	\$080
Feitio de 6 camisas	\$640
Feitio de 5 calças	\$840
Varias despesas miúdas.....	<u>\$320</u>
	As despesas somam 59\$500
	Resta 11\$600

Abril de 1828

Para as despesas deste mês recebi do Síndico.....	38\$400
De Casa do Coronel Cruz assistência de um menino tempo de 3 meses a 4000.....	12\$000
E que restou do mês passado.....	11\$600
	Soma 62\$060

Carnes de vaca 8 arrobas e 9 medidas.....	8\$140
4 Medidas de azeite.....	2\$240
24 medidas de açúcar.....	1\$680
Alhos e cebolas	\$800
Sabão de [Ilegível].....	\$160
28 dias de jornal de Camaradas a 160 r ^s	4\$440
4 oitavas e meio de retrós.....	\$450
Marcas.....	\$100
4 Alqueires e três quarta de feijão.....	8\$000
7 alqueires de farinha.....	5\$920
4 alqueires e ¼ de milho.....	2\$740
3 Arrobas e 2 medidas de banha.....	7\$160
3 Arrobas e 2 medidas de toucinho.....	5\$390
8 medidas de Bacalhau.....	1\$120
Feitio de 4 calcas.....	\$960
12 medidas de café.....	\$960
12 Lombos e um entrecosto.....	2\$160
75 pregos	\$280
Despesas p/ o S ^r João.....	\$400
Biscoito.....	\$560
1 medida de Água ardente.....	\$160
2 Alqueires e uma quarta de Arroz.....	4\$440
1 Par de sapatos.....	\$640
Hóstias.....	\$060
Loucas para cozinha.....	\$080
Fumo.....	\$060
1 Rosário.....	\$060
	As despesas somam 59\$160
	Resta 2\$900

Maio de 1828

Para as despesas deste mês recebi do Síndico.....	51\$200
O que restou do mês de abril.....	<u>2\$900</u>
	Soma 54\$100

Carnes de vaca 10 arrobas e 12 medidas.....	8\$800
7 Alqueires de farinha.....	5\$400
1 alqueire de feijão.....	1\$700
2 Alqueires de arroz.....	3\$680
2 Arrobas banha.....	4\$320
1 Arroba e ½ de toucinho.....	2\$400
3 alqueires de milho.....	1\$440
1 Alqueire de sal.....	1\$600
14 dias de jornal de Camaradas	2\$240
½ Arroba de açúcar.....	\$960
3 Pares de sapatos.....	2\$240
8 lombos.....	1\$280
½ Arroba de café.....	1\$120
Peixes e oito medidas de bacalhau.....	1\$440
Quartilho e ½ tinta para aula.....	\$180
12 pares de talheres de ferro.....	1\$200
1 Queijo.....	\$160
Cartas no correio.....	\$040
Biscoito.....	\$480
1 Peneira.....	\$080
2 Medidas de azeite.....	1\$120
fumo e uma folhinha	\$240
Sabão.....	\$080
200 pregos	\$500
Alhos, loucas p/ a cozinha.....	\$160
20 balaios de Mesa p/ o Refeitório.....	\$800
Hóstias e Obrea.....	\$100
Conserto da Igreja.....	1\$600
Consertos de bancos da Aula e a [Ilegível] uma porta.....	1\$280
Para tirarem-me um dente.....	\$160
Despesas miúdas p ^a o I ^r João.....	\$600
Feitio de 5 calças.....	1\$400
Feitio de 15 camisas.....	1\$500
Várias despesas miúdas	1\$000

Soma das despesas 51\$300
 Resta 2\$800

O professor Sr^o João F^{co} dos Santos paga o que devia dos Mantimentos que lhe assiste o ano passado, em cestos grosseiros p.^a os Arranjos da Aula.....2\$240

Junho de 1828

Para as despesas deste mês recebi do Síndico.....	50\$000
O que sobrou do mês passado.....	<u>2\$800</u>
	Soma 52\$800

2 Arrobas de toucinho.....	5\$600
2 Arrobas de banha.....	4\$640
5 lombos.....	\$920
½ Arroba de açúcar.....	1\$120
4 Medidas de azeite.....	2\$180
6 Pares de sapatos.....	3\$820
Cebolas.....	\$360
Feitio de 1 jaqueta com seus arranjos	\$460
5 alqueires de milho.....	3\$620
6 Alqueires e ½ de farinha.....	5\$080
12 dias de jornais de Camarada	1\$920
9 arrobas e 4 medidas de carne de vaca.....	8\$020
Peixes.....	2\$040
2 alqueires de feijão.....	3\$200
1 Alqueire de arroz.....	1\$900
Sabão.....	\$040
2 Sultuns.....	2\$240
Loucas p/ a cozinha.....	\$250
1 Carta no Correio vinda da Ilha Grande outra de São Carlos	\$200
1 Peneira.....	\$080
Aguardente.....	\$240
Vinagre.....	\$150
Cará.....	\$160
2 entrecostos.....	\$480
1 oitava de retrós.....	\$100
fumo e um rosário	\$180
19 Medidas de sebo p/ fazer-se velas.....	1\$900
1 couro de boi.....	1\$760
Despesas miúdas.....	\$240

As despesas somam 52\$800

Julho de 1828

Para as despesas desse mês recebi do Síndico.....;	63\$200
Da viúva do Falecido Gonzaga – Assistência dos dois Filhos de 5 meses vencidos a 6400 r ^s	32\$000
Do Professor o S ^r João Francisco dos Santos que recebeu do S ^r Paiva parte de um mês vencido que Pagou em [Ilegível] para os Bancos de Aula.....	\$800
Soma	96\$000

2 Arrobas e 18 medidas de toucinho.....	6\$300
2 d. ^{as} banha.....	5\$120
3 Alqueires de arroz.....	5\$440
2 d. ^{os} de feijão.....	3\$200
1 d. ^o de sal.....	1\$560
3 d. ^{os} de farinha.....	7\$200
Peixes.....	3\$660
Ovos.....	\$300
8 arrobas e 8 medidas de carne de vaca.....	9\$300
3 lombos e 2 entrecostos	1\$080
Biscoito.....	\$320
½ Arroba de café.....	1\$120
2 alqueires de milho.....	\$900
4 Medidas de azeite.....	2\$240
Feitio de um [Ilegível] e Marca	1\$120
Uma Jaqueta, Feitio de outra d ^a	2\$280
2 Arrobas e 24 M ^s de açúcar.....	4\$400
1 pares de sapatos.....	\$560
Cebolas	\$160
1 Chave.....	\$120
Corxetes.....	\$060
hóstias	\$060
Pólvora para a Festa de S ^{ta} Anna	1\$600
Barbante	\$240
Papelão.....	\$240
Enxofre.....	\$080
Cera	\$100
Tinta p. ^a aula.....	\$240
Alho.....	\$160
Cará.....	\$160
Louças.....	\$400
Lenhas e mais miudezas.....	\$400
Alfinetes p ^a [Ilegível] Igreja	\$200
Conserto do relógio.....	\$640
25 dias de jornais de Camarada.....	4\$000
Mais 3 de outro a 100 r ^s	\$500
Pagou-se o Capitão do Mato que trouxe o escravo André que andou fugido.....	<u>5\$760</u>

Soma das despesas 71\$220

Resta 24\$780

Agosto de 1828

Para as despesas deste mês recebi do Síndico.....	49\$600
O que restou do mês de julho.....	24\$780
	Soma 74\$380

Comprei uma vaca por 26 patacas.....	8\$320
5 arrobas de carne de vaca, fresca	6\$400
Mais duas Arrobas e 28 medidas de carne seca	6\$960
Peixes	4\$760
7 Alqueires e meio de farinha.....	5\$680
5 Alqueires e meio de milho.....	2\$010
2 alqueires e $\frac{3}{4}$ de feijão	3\$960
2 alqueires e $\frac{3}{4}$ de arroz pilado.....	5\$120
4 Medidas de azeite.....	2\$240
1 resma de papel.....	5\$400
$\frac{1}{2}$ Arroba de açúcar.....	\$960
4 Arrobas e 14 m ^s de toucinho.....	7\$530
1 Arroba de banha.....	2\$240
Uma quarta de car.....	\$140
Loucas p/ a cozinha.....	\$270
Alho.....	\$140
Biscoito.....	\$720
Feitio de uma jaqueta.....	\$400
1 par de sapatos.....	1\$120
Tinta p. ^a a escola.....	\$180
8 medidas de café.....	\$480
Mate.....	\$200
3 cartas no corr. ^o	\$140
4 cordas	\$190
Bananas e laranja.....	\$620
1 livro de doutrina Christan.....	\$400
Hua [Ilegível].....	\$020
12 Lapes p. ^a a Escola	\$440
2 chapéus de Palha.....	\$400
Conserto de um Lampião.....	\$160
Fumo.....	\$080
Uma escumadeira e um alpagados de vela.....	\$240
Uma vara de cadarço.....	\$080
11 dias de jornais de Camarada.....	1\$760
Carnes de porco 4 pernas.....	\$720

As despesas somam 70\$480
 Resta 3\$900

Setembro de 1828

Para as despesas deste mês recebi do Síndico.....	59\$360
Esmolas que deu Manuel Barboza.....	3\$000
Restou do mês passado.....	<u>3\$900</u>
	Somam 66\$260

9 Alqueires e meio de farinha.....	6\$300
5 Arrobas e m ^s de toucinho.....	10\$010
2 alqueires e uma quarta de arroz	5\$920
Peixes	5\$920
3 Medidas de azeite.....	1\$680
Alhos	\$140
Sal, um alqueire e quarta e meia.....	2\$440
1 Arroba e 8 M ^{as} de açúcar.....	2\$160
5 Alqueires de milho.....	2\$000
11 arrobas de carne de vaca.....	10\$560
Um boi.....	6\$400
Feijão 2 alqueires	3\$200
Biscoito p ^a os almoços.....	1\$430
Tinta p. ^a a escola.....	\$180
Bananas.....	\$440
17 dias de jornais de Camarada.....	2\$720
Hóstias.....	\$060
Mate.....	\$200
Agulhas.....	\$020
Feitio de duas calças.....	\$480
Conserto de uma chave.....	\$080
Prego 100 caixas e 50 ripas.....	\$420
Concerto da tina deter água na cozinha.....	\$960
1 peneira.....	\$080
2 varas de pano p. ^a camisa.....	\$720
Conserto das [Ilegível] que servem no refeitório	\$140
1 par de sapatos	1\$120
8 medidas de café.....	\$480

Somam 66\$260

Total 637\$390

Acresce mais a conta do mês de outubro feita pelo Irmão João como da conta se vê
32\$825

Soma 670\$215

Luiz do Coração de Jesus

Regente

Observação

Existem nesse seminário 18 meninos pobres, dois Irmãos Zeladores, dois escravos, um servente, todos estes comem vestem calção a custa da Casa, 6 meninos pensionistas o Mestre também come da Casa, de rendimento tem cinqüenta mil por mês que

S. M. T. dá e que pagãos os meninos algumas esmolas poucas que dá conta junta se vê.

Seminário de Santa Anna 20 de outubro de 1828.

II- Conta de receita e despesas do Seminário de Santana de novembro de 1828 a outubro de 1829 assinada pelo Diretor Manoel Francisco de Andrade ao Presidente da Província de São Paulo, 9 de dezembro de 1829, 71-3-79-866.

“Il.^{mo} e Ex.^{mo} S.^r

Tenho a honra de apresentar á V. Ex.^{ca} a conta da receita e despesa feita neste Seminário de S. Anna e para de nada botar fora antes se faz com alguma economia.

Hoje 9 de Dezembro de 1829.

Il.^{mo} Ex.^{mo} S.^{or} Presidente

Manoel Francisco de Andrade

Diretor

[Na pagina seguinte]

Examinei as contas da receita e despesa do Seminário de Santa Anna mencionadas no Oficio outro do Diretor daquele Seminário pertencente no ano começado em Novembro de 1828 e findo em 8b^{to} de 1829 e achei conforme sendo a alcance do Seminário a favor do Síndico a quantia de quarenta e cinco mil e cinqüenta.

São Paulo 12 de Fevereiro de 1830.

O conselheiro da Presidência

Manoel Joaquim Ornellay

[Na pagina seguinte]

Novembro de 1828

“Para as despesas do mês de Novembro recebi do Síndico	123\$990
15 Arrobas e 13 M ^s de carne.....	15\$880
2 Alq. ^{es} de feijão.....	6\$080
2 d. ^{os} de Arroz.....	3\$520
8 d. ^{os} de farinha	7\$120
2 e ½ d. ^{os} de milho.....	1\$600
¾ de sal.....	1\$320
5 Arr ^s e 13 m ^s de toucinho.....	9\$120
½ arroba de açúcar.....	\$980
½ d. ^a de café.....	\$960
½ d. ^a de peixe.....	2\$000
velas.....	\$360
tinta p. ^a escola.....	\$180
2 Pares de calçados.....	1\$600
Ferros p. ^a por em um dos pretos.....	1\$600
3 Medidas de azeite.....	1\$680
97 covado de ganga inglesa.....	360..... 34\$920
20 [Ilegível].....	560..... 11\$200
20 Ge. ^s [Ilegível] p. ^a ferros.....	260..... 6\$240
4 d. ^{as} de outro pano p/ camisas.....	400..... 1\$600
20 e ½ oitava de retrós.....	100..... 2\$050
Linhas e {malras/malvas}.....	\$200
Feitio de 19 jaquetas.....	400..... 7\$600
d. ^{os} d. ^{os} de calcas	320..... 6\$080

Soma 123\$890

Seminário de S^{ta} Anna 30 de Novembro de 1828

Luis do Coração de Jesus Reg^{te}.

Dezembro de 1828

“Para as despesas deste mês Recebi do Síndico a quantia de58\$400

Feijão 2 alqueires.....	4\$720
Toucinho 5 Arrobas menos 2 m ^{as}	8\$300
Carnes 4 a ^s , 24 libras.....	6\$080
Alquere, e meia 4 ^a de arroz.....	2\$000
Farinha 4 alq. ^{es} , e meio.....	3\$720
Milho 5 alqueires, e 14 ^{as}	2\$970
sal quarta, e meia.....	\$660
Açúcar meia @, e 6 libras.....	1\$260
Café, dez libras.....	\$680
Alhos.....	\$800
Azeite 3s medidas e meia.....	1\$690
1 Chapéu de pêlo para meu uso.....	4\$640
6 C. ^{as} , ½ gazineira preta p. ^a uma jaqueta	1\$960
4 C. ^{as} , e ½ metem riscado p. ^a calças	1\$440
2 V. ^{as} de calça p. ^a forro.....	\$480
18 ^a de retrós.....	\$100
1 maço de velas.....	\$320
Fivelas p. ^a consertar o freio, e lóro.....	\$120
Biscoito de trigo.....	\$320
Mais miudezas.....	\$170
3 pares de sapatos.....	2\$800
Fumo, e sabão.....	\$200
Feitio de 16 fôrmas de fazer velas.....	\$800
1 canivétinho de aparar penas.....	\$320
Hóstias, e pimentas	\$120
1 Conserto de Barril.....	\$240
2 Cadernos de papel almaço.....	\$160
1 Novelo de fio de algodão.....	\$140

Somam 47\$480

{continua na página seguinte}

20 e 9 V. ^{as} de pano de algodão p. ^a vestir os Escr. ^{os}	5\$280
1 libra de [Ilegível] da terra.....	\$280
Despesas miúdas.....	\$240
Mate.....	\$160
Pente finos, e 1 concerto.....	\$320
Quatro libras de bacalhau.....	\$560
V. ^{as} , e ½ de [Ilegível] p. ^a calças.....	\$880
Tintas.....	\$060
Brégos repar.....	\$100
Paguei ao Camarada.....	3\$040

Somam 58\$400

João Floriano de Monte Carmélo

Janeiro de 1829

“Para as despesas deste mês, Recebi do Síndico a quan ^{ta} de	72\$200
Carnes 7 arrobas, 28 libras.....	8\$440
Feijão alqueire, e meio.....	4\$080
arroz 1 Alqueire, e 2 q ^{tas} , e meias	2\$880
Farinha 6 alqueires, e 1 quarta	4\$960
Milho 8 alqueires e meio	4\$960
Toucinho 2 arrobas, 8 libras.....	4\$240
sal 5 quartas.....	1\$960
Comprei um cavalo p. ^a o serviço desta Casa p. ^f	25\$660
Azeite 2 medidas.....	1\$120
Uma chave.....	\$800
Uma garrafa de vinagre.....	\$140
Bananas.....	\$430
Biscoito de trigo.....	\$480
Tintas de escrever.....	\$120
Açúcar 6 libras.....	\$420
Café 8 libras.....	\$560
Miudezas.....	\$160
2 pares de sapatos.....	2\$120
Duas dúzias, e 4 pratos p. ^a o Refeitório.....	2\$320
Um par de suspensório, ½ e 8 ^a de retrós.....	\$410
Corde de Imbiras.....	\$060
Louças para a Cozinha.....	\$220
Um par de lóros de estrivos.....	\$160
Uma folhinha de pórtas.....	\$160
Correias de um par de espóras.....	\$120
Peneira, e fumo p. ^a os pretos.....	\$160
	Somam 67\$640

[continua na página seguinte]

Transporte da somam 67\$640

Siballas.....	\$320
Quatro lombos.....	\$700
Feitio de quatro calças de algodão p. ^a os Escr. ^{os}	\$960
V. ^o de quatro camisas do mesmo.....	\$400
Fios para costura.....	\$140
Cadarço, e hóstias.....	\$120
Dr. ^o que paguei ao Camarada.....	1\$920
	Somam 72\$200

João Floriano de Monte Carmélo

Fevereiro de 1829

“Para as despesas do mês de Fev ^o Recebi do Síndico	50\$000
3 ½ a ^s de carne de vaca a 1280	4\$480
mais 6 a ^s e 14 m ^s a 960.....	6\$180
mais 5 a ^s e 8 m ^s a 800.....	4\$200
Feijão 1 alq. ^e e 3/2	3\$440
Toucinho 1/2 [Ilegível].....	7\$060
arroz 2 Alq. ^c e ½ a ^a	4\$800
Farinha 6 alq. ^s	4\$800
Milho 5 ½ d. ^{os}	3\$520
bacalhau 1 d.	4\$800
Açúcar e biscoitos.....	\$760
Papel, tinta, e penas p. ^a a escola.....	1\$240
Café 8 m ^s	\$400
Azeite 2 md ^{as}	1\$120
Gamelas 2	\$480
Concerto de uma chocolateira.....	\$300
Uma peneira, fumo p ^a os Negros, e miudezas.....	\$180
Jornal de um Camarada 15 dias a 160.....	2\$400
Somam	50\$000

{ Continua na outra página }

Março de 1829

Para as despesas este presente de Março de 1829 recebi do Síndico	56\$560
2 Alq. ^s de feijão.....	4\$200
6 e ½ d. ^{as} de farinha	5\$420
2 2/4 d. ^{as} de Arroz.....	5\$520
3 ¼ de milho.....	2\$080
5 ar ^s de toucinho, 8 m ^s de banha.....	9\$280
2 G. ^{dos} de peixe.....	7\$780
4 d ^{as} de carne fresca.....	5\$760
3 M ^s d' açúcar, biscoitos, e vinagre.....	1\$160
12 d. ^{as} de café.....	\$600
Papel para a Escola.....	\$640
3 Medidas d' Azeite.....	1\$120
1 garrafa d' azeite-doce.....	\$600
1 Par de sapatos.....	1\$120
3 entrecostos.....	\$640
1 Sela aparelhada.....	7\$120
21 Dias d' jornal do Camard ^a	3\$520
Soma	56\$560

Luis do Coração de Jezus
Regente

Abril de 1829

Para as despesas deste presente d' Abril de 1829 recebi do Síndico.....	46\$080
d' D. Anna Gonzaga assistência d' 4 meses dos dois f. ^{os}	25\$600
Esmola que deu M ^{el} Barboza.....	1\$920
	Soma 73\$600
1 e ½ Alq. ^e de feijão.....	4\$000
2 ½ d. ^{os} de Arroz.....	5\$030
4 d. ^{os} de milho.....	2\$120
4 ½ d. ^{os} de farinha.....	3\$500
4 ½ Arr ^s de toucinho.....	8\$420
2 d. ^{os} de peixe.....	8\$040
8 d. ^{os} de carne fresca.....	9\$520
Carnes de porco.....	\$600
20 m ^s de café.....	1\$200
Papel, tinta, fumo, sabão, e mais miudezas.....	1\$250
Alhos, biscoito, 18 m ^s de açúcar, bananas	2\$500
Capim p. ^a colchão e 3 medidas de azeite.....	2\$560
1/2 alq. de sal.....	\$800
Marcas p. ^a calças.....	\$080
43 V ^s de pano de algodão americano p. ^a camisas, e lençol dos meninos	1\$160
e 240 r ^s 31 d. ^{os} largo a 360 r ^s	
15 Dias de jornal de Camard ^a	2\$400
	Luis do Coração de Jezus

[Continua na página seguinte]

Maio de 1829

Para as despesas deste presente de Maio recebi do Síndico a quantia de	50\$000
4 Arrobas, 28 libras de toucinho.....	12\$270
1 Alqueire e meia quarta de sal.....	1\$580
6 Arrobas, 20 libras de carne d' vaca.....	6\$920
2 alqueires de feijão.....	5\$120
3 medidas d' Azeite de mamona.....	1\$680
5 alqueires de farinha.....	3\$600
1 Alqueire e quarta de arroz.....	3\$480
Peixes frescos.....	4\$380
Dias de jornais de Camarada	2\$570
Sabão para lavar.....	\$250
Loucas p. ^a a cozinha.....	\$420
Hóstias para Missas.....	\$060
2 V ^s e ½ de brim trançado p. ^a calças..	2\$800
2 D ^{as} de murim p. ^a camisa.....	\$880
D ^a e ½ de paninho.....	\$840
Linhas para costura.....	\$080
Biscoitos de trigo.....	\$240
1 Vidro de por azeite na lâmpada.....	\$480
6 Cadernos de Papel Almoço.....	\$480
Panas p. ^a escrever.....	\$120
Distribuídos em mais miudezas.	\$630
1 Garrafa de Vinagre.....	\$140
2 Linhas huma maior, outra menor.....	\$340
4 Libras de açúcar branco.....	\$320
4 Libras de café.....	\$320
	Somam 50\$000

João Floriano de Monte Carmélo

Junho de 1829

Para as despesas deste mês Recebi do Síndico a quantia d'	59\$400
Feijão 2 alqu. ^{es}	4\$640
Milho 4 alqu. ^{es}	2\$280
Farinha 8 alqu. ^{es}	5\$200
arroz 2 Alq. ^c e ½ ^a	4\$080
Carne 12 Arrobas.....	13\$300
Toucinho 4 Arr. ^{as} , e 8 lb ^{as}	8\$900
Jornais de Camarada.....	3\$210
Azeite 4 medidas	2\$140
Peixes, e vinho	3\$940
Distribuído em várias miudezas.....	1\$180
Lenços de pescoço.....	1\$880
V. ^a , e ¾ d'picote p ^a calça.....	1\$080
V. ^a , e ¾ de riscado d. ^a	1\$000
Baeta azul 2 C. ^{os} p. ^a o Escr. ^o	1\$200
Velas e adubos	\$570
Biscoitos, e 1.8 ^a de retrós.....	\$940
Açúcar 11 lb. ^{as} , e 1 Chapéu d'palha.....	1\$620
Café 12 lb. ^{as} , e 1 par d'sapatos.....	1\$440
De ferrar o cavalo	<u>\$800</u>

Somam 59.440

João Floriano de Monte Carmello

[na página seguinte]

Julho de 1829

Para as despesas deste mês de Julho recebi do Síndico a quantia de	72\$000 r ^s
4 Arrobas, e 6 M ^s de Toucinho.....	9\$920
15 d. ^{as} de carne de vaca.....	17\$600
1 d. ^a de Peixe.....	4\$000
2 alqu. ^{es} de arroz.....	3\$840
5 d. ^{os} e ¼ de milho.....	2\$900
6 d. ^{os} de far. ^a	4\$980
2 d. ^{os} de feijão.....	5\$760
carnes de porco.....	\$640
8 M ^s de café – outros d. ^{os} de açúcar – e biscoito.....	1\$120
3 covados de sarja – e 3 d. ^{os} de holanda – 3-8 ^{as} de retrós	3\$900
8 pares de sapatos	6\$720
Velas e azeite.....	2\$040
sal uma quarta.....	\$400
12 Lapes	\$480
Feitio de 10 Camisas 11 lençóis 10 fronhas 1 calça 1 colete	4\$560
Unguento, e uma caixa de alfinetes	\$340

20 dias de jornal de camarada.....	3\$200
	Somam 72\$400
	Saltou \$400
Seminário de S ^{ta} Anna 31 de julho de 1829	
Luis do Coração de Jezus	
	Reg ^{te}

[na página seguinte]

Agosto de 1829

Para as despesas deste presente mês de Julho recebi do Síndico	59\$920 r ^s
Que deram de esmola	\$640
	Soma 60\$560
16 arrobas de carnes de vaca.....	18\$510
4 d. ^{as} de toucinho.....	7\$920
1 d. ^a de peixe	4\$160
7 Alq. ^{es} e uma q ^{ta} de farinha.....	6\$050
2 d. ^{os} de arroz.....	4\$320
2 d. ^{os} de feijão.....	4\$800
2 d. ^{os} de milho.....	1\$440
½ alq. ^e e meia quarta de sal.....	\$940
3 medidas de azeite, e velas.....	2\$000
8 M ^s de açúcar, e 8 ^{os} de café.....	1\$200
Tinta, e penas para p. ^a escola.....	\$330
1 peça de ganga azul, e uma oitava de retrós	3\$200
paguei um chapéu comprado o ano passado	2\$580
19 dias de jornais camarada.....	3\$040
	As despesas somam 60\$490
	Resta \$70
Seminário de S ^{ta} Anna 31 de agosto de 1829	
Luis do Coração de Jezus	
	Reg ^{te}

[na página seguinte]

Setembro de 1829

Recebi do Síndico p. ^a as despesas deste presente mês de Setembro.....	51\$200
Esmolas do Ex. ^{mo} S. ^{or} Presid. ^e q. recebi do S ^r Nogr ^a p. ^r mão do Professor deste	
Seminario	2\$000
De D. Policena a pensão de um f. ^o	4\$000
D. ^{ro} de um Boi q. vendi	16\$000
Restou do mês de Agosto.....	\$070
	103\$270
14 Arrobas de carne	17\$920
14 d. ^{as} e 10 M ^s de toucinho.....	8\$080
1 d. ^a e 10 d. ^{as} de peixe	5\$480
2 alqueires de feijão.....	5\$040
2 d. ^{os} de arroz.....	4\$480
4 ½ d. ^{os} de milho.....	2\$160
7 d. ^{os} de farinha.....	5\$040
4 varas de algodão americano.....	1\$620
2 medidas de azeite, e velas.....	1\$800
9 M ^s de açúcar, e 12 d. ^{os} de café.....	1\$500

Tinta, pena, lápis, papel.....	1\$460
1 ½ {resma} de papel comprado a 4 meses atrás.....	7\$280
1 cavalo.....	25\$600
1 par de calçado.....	1\$120
½ quarta de sal.....	\$240
Cebolas, alhos, fumo(...)	\$640
25 dias de jornal do camarada a 160 r ^s	4\$000
	As despesas somam 93\$460
	Em dr ^o resta 9\$810

Seminário de S^{ta} Anna 30 de setembro de 1829
Luis do Coração de Jezus
Reg^{te}

[na página seguinte]

Outubro de 1829

Para as despesas deste presente recebi do Síndico	54\$200
Resto do mês de 7br ^o	9\$810
	Somam 64\$010

15 Arrobas de Carne.....	19\$200
4 d. ^{as} , e 10 M ^s de toucinho.....	8\$440
1 ½ d. ^a de peixe.....	6\$120
2 alq. ^{es} de feijão	6\$080
2 d. ^{os} de arroz.....	4\$480
5 d. ^{os} de milho.....	3\$200
7 d. ^{os} de farinha.....	5\$600
10 M ^s de açúcar, e 4 d. ^{os} de café.....	1\$000
2 medidas de azeite, e velas	2\$080
1 quarta de sal.....	\$560
vinagre	\$180
penas, tintas e lápis.....	\$800
alhos, cebolas, e louças.....	\$640
Biscoito, hóstias.....	\$320
O Irmão João pediu p. ^a calçado e roupa.....	2\$080
20 dias de jornal de camarada a 160 r ^s	3\$200
	As despesas ss 63\$980

Seminário de S^{ta} Anna 31 de 8br.^o de 1829
Luis do Coração de Jezus
Reg^{te}

[uma folha solta, perto deste documento]

O q manda dos [I.M.J].....	600\$000
O q. se recebeu dos pensionistas.....	172\$200
Um Boi q. se vendeu do Seminário.....	16\$000
Esmola que deram.....	2\$560
	790\$760
Abatida a despesa q. se fez q. monta em	835\$820
Esta alcançada com o Síndico em	45\$860
	835\$820

Manoel Francisco de Andrade
Diretor

